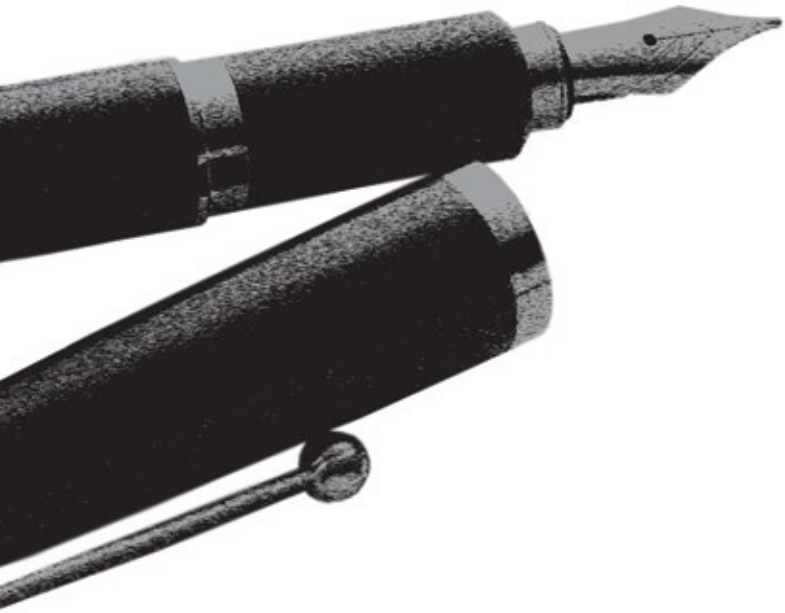
10 Nomes Histórias

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS



10 Nomes Histórias

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS

De uma conversa entre o Professor Marcelo Rebelo de Sousa e Gomes de Sá, nasceu esta obra.

A semente foi lançada e logo germinou, as entrevistas com os protagonistas começaram a ser gravadas e transcritas pela Joana Moreira, as fotos cedidas pelos próprios, outras de autoria de Wilkerson Alves, os locais de nascimento dos intervenientes também foram fotografados e aí foi João Cazenave que se deslocou e fez a pesquisa necessária.

São 10 as histórias de vida neste livro, poderiam ser 100, 1000 ou muitas mais, todos nós que saímos de Portugal temos uma história para contar, assim não será difícil projectarmo-nos para a 2ª edição.

Agradeço ao Professor Marcelo Rebelo de Sousa pela ideia e pelo prefácio, aos 10 Nomes que aqui expuseram as suas vidas, com as quais muitos se identificarão, e por fim aos colaboradores da Lusopress, Joana Moreira, Wilkerson Alves e João Cazenave.

Lidia Sales

Nasci no Porto e cresci numa aldeia de Marco de Canaveses, no norte de Portugal.
Na escola, participava em vários concursos de escrita e leitura e comecei cedo neste mundo.
Com 16 anos, fui pela primeira vez a um estúdio de televisão, sonhei fazer parte daquele "frenesim" também e candidatei-me a um curso de Ciências da Comunicação. Em 2011, entrei para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, colaborei com um jornal e uma rádio universitária durante três anos e dei os primeiros passos numa emissora nacional.
Licenciei-me em Jornalismo em julho de 2014, e estagiei na Rádio Renascença.

No dia 9 de agosto de 2014 saí do país que me formou, emigrei, e juntei-me à minha família já residente em Bruxelas. Na Bélgica, estudei na escola Language Studies International e cruzei-me com a Lusopress.

No site e na revista encontrei informação nova, escrita em português e direcionada para a emigração.
Era uma novidade para mim e o slogan "Unindo os Portugueses" ficou no ouvido.
Enviei mais um currículo, procurando não alimentar grandes esperanças, mas um mês depois, já estava a fazer a minha primeira entrevista com a comunidade emigrante.

Em março de 2015, a Lusopress desafiou-me a escrever este livro. O projeto agradou-me desde a primeira hora e abracei logo a iniciativa. É certo que durante este último ano já conheci mais do que 10 nomes e 10 grandes histórias, mas neste livro cabem todas. Muitos portugueses vão rever-se nestas palavras, vão encontrar pedaços que contam a sua vida também.

Estas páginas trazem "o salto" de muitos emigrantes até França, a "saudade" que se fez sentir nos bidonvilles, e o fado que se escrevia nas "cartas de chamada". Trazem também a superação, a integração, "os primeiros passos por conta própria" e as empresas de emigrantes que "começaram do zero", mas subiram até ao topo.

São histórias de sucesso que demonstram a grandeza do nosso povo. Saíram do país, mas honraram sempre o nome de Portugal.

Joana Inês Leal Moreira

Um livro que era necessário

Estava eu em Paris, a trocar impressões com o incansável Gomes de Sá quando me ocorreu uma ideia, que ele logo acolheu, com o entusiasmo e a capacidade de fazer que o caracterizam.
Isso aconteceu há longos meses, e a ideia era, ao mesmo tempo, simples e complicada.
Simples: contar a vida de exemplos de portugueses de sucesso em França, assim guardando para o futuro histórias que fizeram e fazem História da Saga de milhões de compatriotas nossos há muito espalhados pelo mundo.
Complicada: implicava escolher um sector e, nele, dez pessoas, e contar as suas vidas, sendo certo que eles ainda estão no activo, e selecionar uns poderia significar melindrar outros e as curtas biografias teriam de ser equilibradas em relevo para não criar susceptibilidades nos retratados. Ainda por cima, a minha ideia era a de tudo ser concretizado em muito pouco tempo, por um homem que tem uma vida agitada, viajando sem parar, e labuta todos os dias para poder ver a sua empresa jornalística sobreviver num tempo de crise e dificuldades. Confesso que, depois de ter lançado a sugestão, tive medo de que fosse impossível. Ou demorasse uma eternidade a materializar-se.

Qual não foi o meu espanto quando comecei a receber por email os capítulos da obra, e a perceber que ela poderia vir a ser mais do que um desafio ou um sonho… E assim se chegou a este livro. Com dez nomes e dez histórias. É um testemunho que vale pelos nomes e pelas histórias. Mas que vale, sobretudo, pelos muitos milhares, dezenas, centenas de milhares, para já não dizer milhões que, anonimamente, deixaram marca como trabalhadores, professores, investigadores, pequenos e médios comerciantes e industriais, médicos, enfermeiros, jornalistas, autarcas. Eu sei lá que mais áreas de actividade... Gomes de Sá, ao falar de dez, homenageia muitos, muitos mais. Não que estas dez personalidades não mereçam toda a atenção na leitura da sua vida. Aprendemos bastante com essa leitura, atenta e elucidativa. Só que, ao lermos as páginas que se seguem, passa em revista no nosso espírito essa nossa maneira portuguesa de sermos universais, de nos adaptarmos a climas, povos, línguas, costumes, formas de existir mais variados. Somos assim há séculos! E somos os melhores ou dos melhores a descobrir mundos e a criarmos novos mundos.
Bem-haja Gomes de Sá por este trabalho feito a correr de um continente para outro, de um país para outro. Com dedicação, empenho e vontade de cumprir.
Agradeço-lhe, também, de forma especial, por uma razão muito minha. Neto de emigrante, filho de emigrantes, irmão de emigrante, pai de emigrante e avô de emigrantes, para mim esta homenagem toca-me muito. Penso nos meus netos, evoco a sua vida no presente, e imagino a sua vida no futuro.
Eles são, à sua maneira, uma pequenina parcela do nosso Portugal no Mundo.

Do nosso Grande Portugal!

Marcelo Rebelo de Sousa

10 Nomes Histórias

Mapril Baptista pág. 10

Armindo Gameiro de Abreu pág. 24

José Costa pág. 40

Diamantino Marto pág. 54

Miguel Pires pág. 68

Mário de Sousa pág. 84

José de Oliveira pág. 98

Manuel Costa de Oliveira pág. 112

Valdemar Francisco pág. 126

António Fernandes pág. 142

Mapril Baptista

Quando se nasce numa família pobre,
estamos sempre a tentar ajudar e a ganhar
dinheiro. Sem ele não se faz nada
e eu apercebi-me disso muito novo,
ainda era uma criança.

1. Platz
www.michelin.com
Les Dauphins

Chegou a França na véspera de Natal. Paris parecia um presente e a casa para onde foram morar era como uma dádiva. "Era muito jeitosa comparada com a de Portugal". Mapril tinha quase sete anos, mas lembra-se "perfeitamente" da viagem e da chegada. Estava um "inverno rigoroso" e eles não vinham "muito preparados, nem bem vestidos para o frio". Começou a estudar numa escola que ficava a três quilómetros de casa, mas aos 12 anos já trabalhava. Aproveitava as quintas-feiras para juntar uns trocos. Era apenas um miúdo, mas já era "desenrascado e tinha lábia".

Emigrou e foi a ajudar imigrantes que encheu os primeiros bolsos. Ia para a fila do Gabinete da Imigração ajudar os portugueses que não sabiam falar francês. Até chegou a ter uma secretária destacada. Fez passaportes no Consulado para aqueles que precisavam. Chegou a ser o único português que vendia jornais com informações de Portugal na zona e até aos domingos foi para os mercados vender fruta. Já sabia conduzir. Tirar a carta foi apenas uma questão burocrática e foi ao volante de uma ambulância Peugeot 404 que encontrou o caminho para o sucesso. Foram precisos milhares de quilómetros, mas hoje a vida já não vive ao ritmo daquelas urgências. Mapril Baptista entrou na máquina do tempo e conduziu-nos até essa viagem.

"À uma da tarde já tinha os bolsos cheios de moedas"

Mapril Luís Baptista nasceu no Bombarral no dia 16 de julho de 1956. Cresceu numa casa humilde, situada na aldeia de Casal da Seixosa até aos seis anos de idade. Em dezembro de 1962, saiu pela primeira vez do país. O pai já tinha ido para França. Viajou a salto para procurar trabalho e legalizar a família. Um ano depois, foi a vez da mãe, o irmão mais velho e Mapril se lançarem à estrada. Fizeram os 1.800 quilómetros à boleia de um amigo polícia e assim passaram por todas as fronteiras sem qualquer problema. Muitos chegavam ilegalmente e tinham de se instalar em barracas, mas os Baptista tiveram a sorte mais risonha: "Nós já tínhamos uma casa oferecida pelo patrão

do meu pai. Era uma casa muito jeitosa, comparada com a que nós tínhamos em Portugal". Ficava em Montfermeil, a três quilómetros da escola. Todos os dias, Mapril e o irmão mais velho saíam às oito menos um quarto. A escola começava às nove, mas à quinta tinham folga. Para Mapril era o dia de arregaçar as mangas e trabalhar.

escola velha

Tinha apenas 12 anos, mas já ia sozinho até à Porte de La Chapelle. Quando o Gabinete da Imigração abria, "haviam sempre filas enormes, de um quilómetro". Todos eram portugueses que não sabiam falar francês, nem preencher os dados: "Ofereci-me para os ajudar todas as quintas-feiras. Eles arranjaram-me uma secretária e eu ia ajudar os portugueses a tratar dos papéis. Eles davam-me sempre um franco, alguma coisa para me ajudar. À uma

da tarde, quando eu saía, já tinha os bolsos cheios de moedas. Ainda fiz isso durante alguns anos", recorda. Tinha 14 anos quando deixou de fazer este "trabalho" no gabinete. Na Prefeitura começaram-se a aperceber que ele ganhava dinheiro e levava muitos portugueses para lá. Foi "despedido", mas não ficou por ali. Dedicou-se aos passaportes e fazia a atualização do documento para quem precisava: "Eles davam-me cinco ou dez francos por cada passaporte, por isso comecei logo a ganhar dinheiro. Mais tarde, também vendi jornais portugueses". Mapril era o único português que vendia jornais com informações de Portugal na zona. Todas as quintas-feiras, ia até uma associação que ficava na Rue du Helder, em Paris 9°, buscar jornais para vender e ficava à porta do Banco Franco Português, à espera do Presidente. O Doutor Quima chegava às 11h20 e dava-lhe um aperto de mão. Com a autorização dos pais, comprou uma secretária e fez um "mini escritório" em casa. "A uma certa altura começaram a ser tantos jornais que até vinha uma carrinha entregar, mas antes de me casar, todo o dinheiro que eu ganhava era para dar ao meu pai", afirma. Quando mudaram de apartamento, o jovem comprou os cortinados, a televisão, o frigorífico e a máquina de lavar para família. Só tinha 14 anos e fazia biscates, mas já trabalhava e ganhava dinheiro como gente grande.

Mapril Baptista sempre quis ser polícia, mas como não tinha nacionalidade francesa, abandonou a ideia. Pensou em ser bombeiro e foi ao volante das ambulâncias que acabou por encontrar a sua vocação. Respondeu a um anúncio que procurava um condutor e ficou com o lugar: "Eu sempre gostei muito de carros. Dava-me a sensação

que uma ambulância andava mais depressa do que um carro normal. Entrei numa empresa como motorista de ambulâncias em 1976. Nesse mesmo ano, casei com a minha esposa Maria de Lurdes Carruço e o meu primeiro ordenado foram 900 francos". Foram tempos complicados. O casal tinha acabado de arrendar o primeiro apartamento e só a renda da casa era mais elevada que o seu próprio salário: "Era mesmo um apartamento amoroso para um casalinho acabado de casar, mas tivemos que mudar. Era caro e vimos que não podíamos suportar a renda", refere Maria de Lurdes.

A primeira de muitas empresas

Em 1977, mudaram para outro apartamento. Tinha o dobro do tamanho, custava metade do preço, mas Mapril ainda precisava de ganhar mais dinheiro. Tiveram três filhos, duas meninas e um menino que aumentaram as responsabilidades diárias do casal. Juntou ao horário de serviço 15 noites por mês de prevenção. Dava-lhe a sensação que "aquela firma estava a ser mal gerida". Ainda era muito novo ao lado dos patrões, mas encheu o peito de coragem e foi apresentar as suas sugestões para fazer crescer o negócio do transporte de doentes: "Eu disse-lhe que podia multiplicar o rendimento da firma. Ele ficou muito surpreendido porque eu ao lado dele era uma criança. Um mês depois a mulher dele veio ter comigo para saber quais eram as soluções que eu tinha para a empresa deles. Eles ficaram um bocado surpreendidos, mas disseram que eu podia pôr o meu sistema a funcionar", recorda. Em seis meses, a empresa multiplicou o movimento por três. Logo no segundo mês, o salário de Mapril também aumentou para 1.800 francos. "Já parecia outra firma, não tinha nada a ver". A confiança estava instalada e percebeu que podia trabalhar por conta própria. Estava na hora de ter a primeira de muitas empresas.

Maria de Lurdes e Mapril Baptista no dia do casamento e nos dias de hoje

O Casamento da filha mais velha

Em 1979, pediu um empréstimo de 50 mil francos, precisou de cinco fiadores e arrancou o negócio. Em cada terra, havia uma firma de ambulâncias e para a empresa de transportes funcionar sobre rodas, era preciso ser aceite pelos outros empresários. Naquela altura, ainda havia "um racismo evidente em França". Para Mapril ainda se tornou mais complicado porque era português. No final, a tal "lábia e desenrasco" que mostrava desde miúdo acabou por vencer: "Eu fui bater à porta de todos e disse-lhes que se eles tinham clientes, eu ainda não. Pedi-lhes para eles me darem um cliente para eu levar ao hospital. No dia seguinte, retribuiria a ajuda com outra marcação ou outro cliente. Comecei a fazer assim e resultou. Ninguém se dava, mas eu dava-me com todos. Tinha amigos em todas as empresas e foi assim que a história da minha empresa começou".

Mapril Baptista, Passos Coelho e Carlos Vinhas Pereira

Mapril Baptista e Giscard d´Estaing

O “Baptista das ambulâncias” que todos conhecem

A empresa de transportes de doentes cresceu à velocidade das urgências. Mapril Baptista acabou por recuperar todas as firmas da zona: “Quando eles começaram todos a ir para a reforma, a maior parte deu-me os clientes, ou venderam-me as empresas. Aquele com quem eu falava menos, no dia em que fechou, também me veio entregar os clientes todos”. Nos anos 90, chegaram a ser 17 e tinha mais de 300 ambulâncias nas estradas. Também tinha “mais de 300 empregados” e geria “a maior empresa de transportes sanitários em França”.

Apesar de ser responsável por centenas de automóveis e funcionários, o empresário continuou a transportar doentes. Acompanhava a evolução das doenças, muitas até ao seu final. Cresceu e aprendeu muito: “Se vier a França e se perguntar se conhecem o Baptista das ambulâncias aos portugueses, eu acho que todos conhecem. Já vão mais de 40 anos de trabalho, mas tudo valeu a pena”, afirma.

Desde 1984, a esposa também trabalha na empresa. Mapril Baptista pediu-lhe para deixar o trabalho na Companhia de Seguros e para o ajudar. Maria de Lurdes Carruço confessa que nem sempre é fácil não levar o trabalho para casa, mas “há sempre um que tenta fazer esse corte e um “amanhã vê-se” acaba por resolver a situação: “Nós temos uma grande relação de cumplicidade. Somos muito cúmplices um do outro. Um pensa numa coisa e às vezes o outro já sabe do que se trata”. Apesar de ainda manterem o negócio do transporte, em 1999 começaram a vender ambulâncias adaptadas. Atualmente vende 1.400 veículos por ano e já pôs 13 mil carros na estrada. A Les Dauphins, fundada em 2003, tem 52 % do mercado nacional e 90% da região de Paris. Fatura 60 milhões de euros por ano e até na Disneyland Paris, a Minnie e o Mickey já inauguraram as ambulâncias de Mapril Baptista. “Os carros são todos fabricados em Portugal”, numa fábrica onde trabalham 75 funcionários. No total, o grupo dá emprego a 150 pessoas.

Mapril Baptista junto da sua primeira ambulância

Mapril Baptista e os amigos José Martins, Mário Martins e Manuel Monteiro

“O meu país é a França e também é Portugal”

Mapril Baptista continua a ter dias de trabalho que duram mais de 12 horas. Chegou a ser vice-presidente do Sindicato Nacional, lutou para que houvesse dois profissionais em cada ambulância, procurou revolucionar o seu negócio. Atualmente, abraça novos desafios. Em 2014, deu os primeiros passos na política. É Vereador da Câmara da cidade onde vive, em Pomponne e responsável pelo urbanismo e pela proteção do património. Todos os meses, viaja até Portugal. Ainda tem negócios, família e casas no país, mas tem sempre um regresso marcado para França: “Eu considero-me francês a cem por cento, mas também me considero português a cem por cento. Hoje para mim não há aquele dilema entre França e Portugal. Isso para mim está muito claro na minha cabeça. O meu país é a França e também é Portugal”.

Aos 60 anos, Mapril Baptista ainda pratica desporto, tem dezenas de carros de coleção e participa em competições de automóveis, mas a maior corrida continua a ser aquela que o conduziu até ao sucesso. Precisou de milhares de quilómetros para lá chegar, mas hoje pode tirar o pé do acelerador.

François Hollande

Armindo Gameiro De Abreu

A nossa sociedade hoje tem cerca de 40 empregados.
Cerca de 80% são portugueses
e alguns trabalham para mim há muitos anos.

Armindo Gameiro de Abreu caiu em Paris "de paraquedas". Foi a Aulnay-sous-Bois para visitar um tio e pelo caminho encontrou um amigo. Estava só de passagem, mas acabou por oficializar uma sociedade em poucas horas. Ainda hoje trabalha e vive nesse mesmo lugar. Este ano, durante o seu aniversário, o empresário foi presenteado com um vale para efetuar um salto de paraquedas. O presente ainda não foi utilizado, mas já está fora da caixa. Desta vez, o português vai lançar-se literalmente pelos céus de França.

Em 1987 foi aventureiro, mas em 2015 será mais arrojado. Quando emigrou, atirou-se de cabeça para um projeto, sem saber muito bem com o que podia contar, mas hoje tem os pés bem assentes na terra e sabe que esse foi o salto mais acertado. Armindo está convicto que a queda livre vai ser semelhante e até terá mais amortecedores a ajudar. Aos 50 anos é um dos maiores empresários portugueses da construção civil em França, adepto de desportos radicais e um amante da aviação. O voo mais alto foi há 28 anos. Armindo Gameiro de Abreu apertou os cintos e contou como foi a aterragem na emigração.

"Filho de peixe"…

Afinal não foi nadar. O pai e a mãe são antigos funcionários dos caminhos-de-ferro portugueses (CP). O pai, Armando de Abreu Dias tinha uma posição bastante boa na empresa, aquele emprego estável estava no horizonte

de muitos. A mãe, Laudemira da Encarnacão Gameiro, era doméstica e guarda de passagem de nivel (CP). Armindo acha que sempre "esteve predestinado a trabalhar lá", e seguir as pisadas familiares. Hoje tem "muitos amigos que são chefes de estação, revisores, maquinistas, engenheiros etc., mas esse caminho acabou por não cruzar o seu destino. Quando era mais novo, sonhava ser piloto de avião, depois quis trabalhar na restauração, mas "fe-

Casa onde passou a sua infância, no Carvalhal

lizmente", os sonhos de criança não se concretizaram em adulto: "Eu tinha um amigo que trabalhava num café-restaurante. Ele andava sempre muito bem vestido, fato e gravata, e eu tinha a impressão que o mundo da restauração era uma coisa fácil". O tempo ensinou-lhe que essa era uma ideia errada e hoje tem outra opinião.

Armindo Gameiro cresceu e foi criado numa aldeia perto da Cidade de Pombal, Freguesia de São Simão de Litém. No lugar do Carvalhal, viveu com os 4 irmãos e ainda se recorda daquela "liberdade instantânea" que teve após o 25 de abril. Teve a possibilidade de estudar e enquanto tirou um curso de eletrotécnica fez "uns trabalhos para ganhar uns trocos". Durante os tempos livres, trabalhou nas obras, venda e montagem de fogões de sala e ainda fez parte de um grupo musical. Vem de "uma família de dançarinos dotados para a música", infelizmente confessa-se um pé de chumbo e um "músico falhado", mas foi um bom agente e comercial da banda: "O meu irmão é músico, canta bem e nós tivemos um grupo. Mesmo com os poucos meios que tinha, cheguei a uma altura que já ganhava mais com a música do que ganhava a trabalhar. Durante o fim-de-semana, participávamos em bailes. Eu comparava o que ganhava com os meus colegas que trabalhavam nas obras, e eu fazia mais dinheiro ao fim de semana do que eles durante a semana toda", recorda. O irmão ainda continuou a carreira musical, mas Armindo Gameiro de Abreu deixou os palcos. Foi chamado para cumprir o serviço militar e deixou de haver tempo para espetáculos. Na tropa teve "um posto importante graças aos estudos que tinha". Estava no escritório do comando. Ainda hoje acha que essa etapa devia ser obrigatória na vida dos jovens: "A tropa serve-nos como formação cívica. Há regras, há punições e isso, parecendo que não, é muito útil mais tarde. Há pais que nunca estiveram preparados para dar educação a um filho. A tropa, bem ou mal, punha isso na ordem", afirma. Tinha 21 anos quando deixou o quartel.

"Nunca tinha saído de Portugal"

Tinha "aquela curiosidade de conhecer outros países", "queria ver o que se passava no mundo e conhecer outras culturas porque nunca tinha saído de Portugal". Pediu a um primo do seu pai, o Sr. Adelino Gameiro, se o podia trazer para França (Paris), ele depois de hesitar um pouco disse-lhe que sim… Armindo diz que o Sr. Adelino é uma pessoa

Escola primária

Igreja de São Simão de Litém

que muito o ajudou e pelo qual tem muita estima, pois foi com ele e sua esposa, a Sra. Carminda, que fez a primeira viagem até Paris. Residiu algum tempo em casa deles, onde diz ter sido tratado como se fosse um filho.

Quando deu por si, já era emigrante!!

Algum tempo depois decidiu fazer com um colega uma volta pela Europa. Fez as malas para umas férias, partiu como turista, mas acabou por deitar as mãos à obra. Foi até à Suíça, cidade de Lausanne, aí teve a sorte de encontrar um senhor que precisava de um trabalhador para a construção civil. Armindo Gameiro de Abreu foi turista por pouco tempo, arregaçou as mangas e foi para as obras de um patrão suíço: "Ele arranjou-me um emprego muito bom. Normalmente, quando se trabalhava para os Espanhóis e para os Italianos, tínhamos que trabalhar muito, mas com ele isso não acontecia. Eram os espanhóis que me diziam para andar mais devagar porque estava a trabalhar muito depressa", explica. Na Suíça diz que viveu "bons tempos", mas para se legalizar precisava de ter pelo menos quatro contratos de trabalho e ir todos os três meses a Portugal. Durante uma dessas viagens, Armindo passou por Aulnay-sous-Bois visitar um tio, mas também acabou por encontrar o amigo de infância Luís Filipe Neto Ferreira: "Eu escrevi-lhe um postal antes de partir para França que avisava onde ia estar. Convidei-o para ele me visitar e estivemos juntos".

Os dois colocaram a conversa em dia, falaram sobre o trabalho, as dificuldades da legalização fora do País e Luís Filipe Neto Ferreira propôs-lhe sociedade Armindo Gameiro de Abreu aliou-se ao amigo de infância e arranjou um sócio para a vida: "Quando nos encontrámos, ele já trabalhava, mas ainda não estava legalizado em França. Ele já estava naquela situação há dois anos e tinha conseguido um bom «pé-de-meia». Quando ele me disse o valor que tinha disponível, eu comecei logo a fazer contas. Eu precisava de três ou quatro anos na Suíça para juntar esse dinheiro. Ele propôs-me sociedade, eu não disse que não. Depois de ter regressado de Portugal, já não fui para a Suíça. Fiquei em Paris". Naquela altura, era preciso criar uma empresa para trabalharem legalmente em França. Juntos, começaram a dar os primeiros passos e, quando deram por si, já eram sócios duma empresa de construção (ACS) Aulnay Constructions Services.

"Eu comecei a fazer os orçamentos à noite"

Durante os primeiros anos, a sociedade foi composta por 5 elementos. Luís Filipe Neto Ferreira e Armindo Gameiro de Abreu eram os sócios maioritários. Trabalhavam nas obras, cada um recebia o seu salário e detinha 40% da empresa. O Contabilista era responsável pela gestão e pelos orçamentos, recebia por esse trabalho e ainda tinha 20% dos lucros no final do ano. Para a sua formalização, existiram ainda dois fiadores que fizeram parte integral dos estatutos da empresa: "Naquela altura, um tio do Luís, Henrique Francisco Ferreira e um tio meu, António de Abreu Dias, tiveram de fazer parte da empresa para nós podermos ter credibilidade, fazer certas compras e ter acesso aos créditos. Foram um grande apoio", refere.

Luís e Armindo dedicaram-se de corpo e alma ao negó-

Fátima e Armindo no dia do casamento

Armindo Gameiro
com o álbum de recordações

Armindo Gameiro nomeado Português de Valor

cio. Começaram a fazer moradias e construíram os alicerces necessários para uma empresa sólida. "Em 1988, eu e o Luís alugamos um apartamento para nos instalarmos. Trabalhávamos juntos, vivíamos juntos e sempre funcionou bem".

Luís Filipe Neto Ferreira era o "homem das manhãs", preferia madrugar, levantar-se cedo e ir para as obras. Armindo Gameiro de Abreu «homem das noitadas» gostava mais do fim do dia. Ficava "até à 1h ou 2h da manhã a trabalhar sem problema". Começou a "fazer os primeiros orçamentos à noite", e apercebeu-se que já estava a fazer o que competia ao contabilista: "Nós decidimos pagar ao contabilista, mas tirá-lo da sociedade. Quando fomos dizer-lhe, ele não concordou. Disse para criarmos outra sociedade porque aquela também era dele. Nós não arranjamos mais confusão. Depois daquela reunião, ele ficou com a empresa Aulnay Constructions Services (ACS) e nós formamos outra sociedade", chamada Aulnay Constructions Renovations (ACR), que foi criada no dia 01 de abril de 1989.

O "bebé" que já soma mais de 25 anos de construções

Começaram com uma pequena empresa de construção, mas com o tempo o negócio foi crescendo. De acordo com Armindo Gameiro de Abreu, a sociedade nunca recorreu ao trabalho temporário para contratar novos funcionários e é muito raro ter contratos de subempreitada: "Nós temos a nossa própria clientela e limitamo-nos a trabalhar nessas condições. Nós já podíamos ter feito obras de

maior envergadura se tivéssemos recorrido à subempreitada, mas preferimos desenvolver os trabalhos dos nossos clientes", explica. Nas obras ouve-se falar português e o empresário tem orgulho da equipa que formou: "A nossa sociedade hoje tem cerca de 40 empregados, 80% são portugueses e alguns trabalham para mim há muitos anos. Eles até trabalharam na minha casa, ajudaram-me na construção sem pedir nada em troca. Isso para mim tem muito valor. Nós até podemos ser bons comerciais,

ter muita sorte na vida, mas sem a ajuda dos outros, eu acho que não vamos muito longe".

Neste momento, a empresa Aulnay Constructions Renovations (ACR) faz obras em toda a França e tem vários investimentos imobiliários. Para além dos particulares que a procuram, a ACR também já conquistou a confiança de alguns arquitetos, promotores, gabinetes de gestão imobiliária, nomeadamente dos Gabinetes: «Dimension Architecture», «Chartier – Corbasson», «MOVA», «De Gabrielli», «SEM», Etc,…

A família Gameiro - Armindo, Fátima, Elodie e Alexandre

"Durante o nosso percurso existiram sempre vários profissionais que confiaram no nosso trabalho. A arquiteta Virginie Allain do Gabinete «Dimension Architecture» é um exemplo. Ainda este ano esteve a apoiar-nos na construção de um lar de idosos em Gournay-en-Bray"» recorda. Armindo agradece também aos clientes, ao sócio, em particular aos primos do seu sócio, Pedro e Henrique Ferreira, ao seu primo Gabriel Da Costa Dias, que muito o ajudaram na parte administrativa, aos restantes colaboradores e familiares o apoio que deram para erguer esta empresa, "todos foram pilares importantes".

"Ela faz parte do meu equilíbrio"

Armindo Gameiro construiu muitas casas, mas também formou um lar. Quando era mais novo, não pensava em casar, os filhos eram para mais tarde, nem estava preocupado em formar uma família, mas Maria de Fátima trocou-lhe as voltas. Em 1992 conheceram-se num baile na discoteca "Costa do Sol". Armindo viu um grupo de amigas… Decidiu convidar aquela que estava encostada à parede para dançar e Fátima aceitou: "Ela veio comigo para a pista. Depois, convidei-a para beber um copo e fiz um bocadinho de cortesia. Nessa altura, eu nem a tratava por tu, tratava-a por você, «atenção!»". Eram jovens. Ainda conheceu os sogros, mas não teve logo a aprovação familiar: «Eu tinha muito mais cabelo do que hoje». Usava-o comprido e amarrado porque era moda. Quando a mãe dela me viu, perguntou-lhe — oh rapariga o que é que me trazes cá para casa?", conta sorrindo. Tiveram apenas "um namorico", mas oito anos depois, Armindo voltou a entrar pela mesma porta, com menos cabelo e desta vez preparado para casar.

Em 2000 constituíram uma família, construíram uma casa e hoje têm dois filhos, Alexandre e Elodie.

Armindo Gameiro de Abreu confessa que "aquela rapariga" que convidou para dançar na "Costa do Sol" há mais de 20 anos, é hoje o seu apoio indispensável: «Ela é o meu equilíbrio, tenho que dizer mesmo isso. É muito dinâmica. Às vezes apareço aqui em casa com bastantes pessoas para almoçar ou jantar e, meia hora depois, há comida para todos. Ela gosta de receber e eu agradeço-lhe por isso».

É muito pontual, é quem leva regularmente os filhos à escola, e prepara quase tudo. Eles nunca chegaram atrasados às aulas. Se fosse eu a levá-los, acho que isso aconteceria todos os dias".

Maria de Fátima emigrou para França em 1982, quando tinha apenas 11 anos. No dia em que chegou "queria regressar para Portugal", mas agora já não se imagina a viver longe de Paris. Durante a juventude, "sonhava viajar, mas não tinha essa possibilidade". Hoje felizmente "passeia mais". A próxima «viagem» poderá ser de paraquedas, se Fátima quiser acompanhar o marido, que aos 50 anos vai realizar mais um sonho.

Vai dar um mergulho nos céus de Paris. Hoje "é um homem feliz", que continua sem medo de saltar, sempre preparado para outras aventuras e desafios…

José Costa

Eu não consigo esquecer aquela iluminação toda
que vi pela primeira vez entre a Gare d'Austerlitz e Paris 19

Em agosto, fez-se uma viagem até Arcos de Valdevez. Na pacata vila do Minho, havia ainda o rasto deixado pelas festas do concelho. Estava um calor abrasador e muitos emigrantes recém-chegados passeavam pelas ruas. José Costa estava no Largo da Lapa, uma praça simpática onde fica também situado um dos seus escritórios. De óculos de sol, calções curtos e polo, o empresário olhava para o relógio de água, situado em frente à igreja. Não queria saber as horas, nem estava preocupado com o tempo como é habitual, mas perguntava o que era feito do chafariz que outrora o diferenciava. "Afinal o relógio já não é de água", dizia. Fez um pequeno passeio pelas ruelas do município. Em cada paragem, um amigo. "Olha o senhor José! É um prazer vê-lo por cá. Você é um exemplo na nossa vila", ouvia-se na Biblioteca. Do edifício podia-se contemplar o Rio Vez, as piscinas e o mais recente aldeamento construído pelo emigrante em Portugal. Passou pela Câmara Municipal, foi até à Capela da Nossa Senhora da Lapa ver os andores e ainda falou para o Senhor Delfim das concertinas, mas já era tempo de regressar a Gondoriz. O jipe era conhecido nas redondezas e José Costa acenava, parava e conversava com todos. Pelo caminho, mostrou a escola, a casa dos pais e o lugar onde nasceu. "Foi aqui que tudo começou. Lembro-me de andar a guardar os animais e também de sair daqui para a França". Em 1973 viajou de comboio até à Gare d'Austerlitz. Este ano, voltou a entrar nessa carruagem e mostrou como foi o caminho até ao sucesso.

O tempo dos guardadores de rebanhos

Nasceu no dia 7 de maio de 1960, numa casa da família que ainda hoje existe. "Aqui era a nossa maternidade", explica sorrindo. "O meu padrinho ainda mora aí. Vou ver se está". José António da Costa cresceu e passou a infância na freguesia de Gondoriz. Quando terminavam as aulas, era preciso tomar conta dos animais: "O meu avô tinha vacas, a minha mãe também e nós tínhamos de guardar o gado depois da escola. Mesmo assim eram bons tempos". O padrinho de batismo concordou. Tal como o pai de José, também foi para França cedo, mas recorda-se de ver o afilhado "ainda pequeno", a brincar perto do espigueiro. Já nos anos 60, eram uma família de emigrantes. O pai saiu do país em setembro, três

Casa onde nasceu

A escola primária

José António, a mãe e as duas irmãs mais velhas em 1961

meses depois de José Costa nascer. Viajou "a salto". Demorou três semanas a chegar e precisou de três anos de trabalho para regressar: "Ele viajou escondido nos camiões, como a maior parte dos emigrantes nessa altura. Teve de trabalhar, pagar aos passadores e só voltou a Portugal depois de saldar essas dívidas. Eu já tinha três anos quando ele regressou".

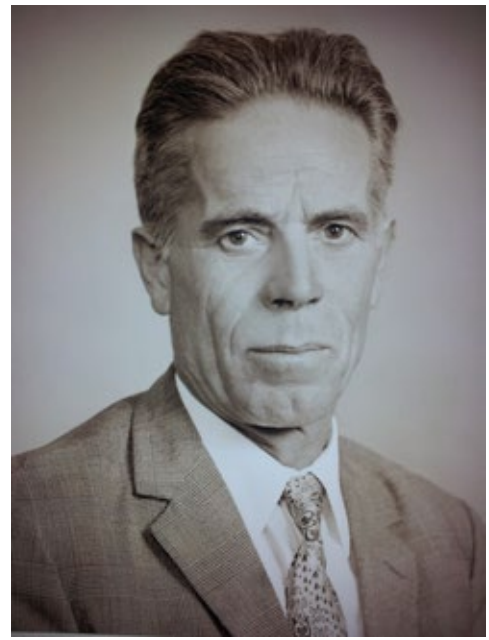
Até aos 12 viveu na aldeia, mas a família juntou-se mais tarde em França. Acabou o tempo dos guardadores de rebanhos. No dia 6 de janeiro de 1973 já estavam em Paris. Uma data longínqua, mas José ainda se lembra "como se fosse ontem": "Lembro-me de tudo, desde a hora em que saí de Portugal, até chegar a França. Vim a salto também. Passei de barco em Monção e entrei no comboio com os meus irmãos. Lembro-me muito bem quando passámos a fronteira em Hendaia. Foi preciso trocar de comboio, mas o meu pai e a minha mãe lá conseguiram passar com os cinco filhos atrás. Chegámos à Gare d''Austerlitz e tivemos de entrar em dois táxis porque já éramos muitos. Não consigo esquecer aquela iluminação toda que vi pela primeira vez entre a estação e Paris 19". Estavam na cidade da luz, num meio muito diferente da vila e a adaptação nem sempre foi fácil. Na mesma semana, o pai levou-o para uma obra. José precisava de ter "pelo menos 16 anos para começar a trabalhar" e foi mandado para casa: "O chefe disse-lhe que nós não estávamos em Portugal", recorda. Os cinco irmãos estiveram sozinhos em casa de janeiro a setembro, até recomeçarem as aulas. Quando regressaram à escola, precisaram de aprender francês, aperceberam-se que vinham de um lugar diferente, mas encontraram colegas com histórias de vida semelhantes. Os filhos dos emigrantes partilhavam mais do que a sala de aula e formaram também "um grupo de amigos".

"Passavam-me toneladas pelas mãos"

José "até era um aluno dedicado". Conseguiu o primeiro diploma, ainda foi estudar eletricidade, mas os 16 anos chegaram depressa e "era preciso ganhar dinheiro". O trabalho na construção civil ainda estava assegurado, por isso dividiu com o pai as tarefas e os lucros: "Trabalhávamos nos interiores, fazíamos tudo o que estava relacionado com as divisões dos apartamentos. Passavam-me toneladas pelas mãos durante o dia. Enquanto eu estive na construção, trabalhava muito, mas também ganhava dinheiro". Naquela altura, já recebia três vezes mais do que o salário mínimo, mas o esforço acabou por prejudicar a saúde. Aos 21 anos esteve completamente paralisado: "No dia 28 de dezembro de 1981, bloqueei da coluna. Aí começou uma fase muito complicada para mim. Durante muito tempo, eu estive parado, não podia trabalhar e depois tive de mudar de profissão". Naquele momento, José Costa estava longe de pensar que aquele azar ia abrir caminho para a sorte, mas foi isso que aconteceu.

Depois da operação, os médicos atribuíram-lhe uma invalidez de 13%. O emigrante sabia que não podia voltar a trabalhar construção civil, mas recusou baixar os braços. Durante 17 meses, fez uma formação financiada pelo Estado e arranjou trabalho na área da limpeza industrial em

Meu avô, meu primeiro pai — meu ídolo



José Antonio e irmão,
a primeira foto tirada em Paris em 1973

José António e o padrinho

José António acompanhado das suas irmãs em 1963

Villepinte. Só precisou de seis meses para mostrar ao presidente de um centro comercial a sua garra. No dia em que completou 25 anos, limpou o espaço durante a noite toda: "Ele ia ser inaugurado e aberto ao público no dia 8 de maio de manhã. Essa determinação e trabalho permitiu-me mostrar a ambição que eu tinha ao presidente, ao principal responsável pelo centro comercial. 30 anos depois, ainda continuo a trabalhar para esse grupo". José Costa viu que tinha potencial para abrir uma empresa no mesmo ramo. Encheu o peito de coragem e foi ter com o seu responsável. Era ainda um jovem, mas convidou o diretor da agência para formar uma sociedade: "Eu disse-lhe que queria criar a minha própria empresa de limpeza industrial e que, se ele quisesse, também lhe dava 50%. Naquele momento não aceitou, mas algum tempo depois, ele veio ter comigo para fazer a sua fundação".

Pais de José António, 2012

Primeira foto tirada na escola em Paris em setembro de 73

José António e o pai com o seu primeiro carro em 1979

Amigos de infância em França

Primeira comunhão em 1971 com a sua mãe

O dia em que começou do zero

Chamava-se Luso-net e começou em abril de 1986. Durante os primeiros anos, a empresa apostou sobretudo na manutenção de centros comerciais e participou na inauguração de uma série de espaços num curto período de tempo: "As coisas começaram a correr bem. Em 1987, no dia 7 de maio, inaugurei um em Estrasburgo, no dia 12 abri

outro na cidade de Le Mans e no dia 27 de maio, fizemos outra inauguração em Lyon". José Costa fazia milhares de quilómetros para chegar até um bom negócio. Estava completamente concentrado no trabalho e em três anos dobrou o volume de negócios: "Nós começámos do zero, mas entre 1986 e 1989 crescemos e já faturávamos 12 milhões de francos por ano", refere. Foi precisamente nesse altura que decidiu expandir.

Em 1989 abriu uma nova empresa do mesmo ramo, a Luso-Vert sediada na comuna de Antony, e decidiu investir no primeiro negócio em Portugal. Já estava há mais de 15 anos em França e os bons ventos que sopravam deram-lhe entusiasmo para avançar no país de origem. A Portugal Limpo foi fundada em Vila Nova de Gaia. A empresa cresceu a um ritmo acelerado, mas também terminou com a mesma rapidez. Os dois sócios não partilhavam a mesma visão e decidiram separar a sociedade um ano depois. José Costa ficou com os negócios que tinham em França. Para além da Luso-Net e da Luso-Vert, ainda abriu a Luso Fran-

ce Nettoyage (LFN). Aos 30 anos, já era proprietário de três empresas sediadas na região da grande Paris. Desenhava-se um futuro próspero diante dos seus olhos.

Os anos Mitterrand

Estava praticamente sozinho ao volante, mas nunca tirou o pé do acelerador. Em 1990 decidiu alargar o portefólio de clientes e lançou-se nos mercados públicos. Naquela altura, o grupo "Les Magasins d'Usine" representava 80% do volume de negócio e o empresário temeu esse peso. "Se acontecesse alguma coisa aquela empresa, podíamos ficar com a nossa atividade em risco", explica. Nesse mesmo ano, começaram a participar nos concursos públicos para a prestação de serviços de limpeza em instituições do estado. A primeira vitória surgiu mais depressa do que contavam. No dia 13 de outubro, fecharam um contrato com o Tribunal de Grande Instância (TGI) de Nanterre, onde trabalharam durante três anos. José ainda se recorda da primeira conversa que teve, frente a frente, com o Presidente do Tribunal: "Ele disse que eu estava 20% mais caro do que a empresa que ele estava a despedir. Eu respondi que o bom pedreiro só se vê ao lado da parede. Pedi-lhe uma oportunidade para mostrar o que era capaz e um mês depois estava lá a trabalhar".

No geral, a empresa dava trabalho a mais de 200 pessoas. Durante os anos Mitterrand, muitos portugueses bateram-lhe à porta, mas nunca saíram de lá sem uma solução: "Quando o Presidente François Mitterrand abriu as portas aos emigrantes, começaram a legalizá-los com a condição de terem cá um patrão. Eu fiz papéis a centenas de pes-

soas. Eles vinham-me bater à porta e ficavam por cá três ou seis meses, até terem a papelada. Depois voavam com as suas próprias asas", lembra. Em três anos, a empresa que faturava 12 milhões de francos, entrou para a casa dos 21 milhões. Estávamos em 1993 e estes eram valores muito expressivos para uma empresa e um empresário tão jovens. Tudo parecia continuar encaminhado. No entanto, face a esse crescimento, chegou também a participação dos sindicatos. José da Costa confessa que não estava estruturado para lidar com os responsáveis sindicais: "Fiquei cansado e pus à venda todas as empresas de limpeza industrial". Não voltou à estaca 0, mas começou uma nova jornada. Voltou aos primeiros amores e dedicou-se a uma empresa de decoração de interiores que já tinha adquirido em 1992.

A passagem pelo Eliseu

Depois da venda das empresas, Costa assinou uma cláusula de não concorrência. Durante quatro anos, sabia que não podia regressar à área da limpeza industrial, por isso focou todas as suas energias no desenvolvimento da mais recente aquisição. Fundada em 1964, a empresa de decoração de interiores era bastante conceituada no mercado francês e "fazia obras de muito prestígio". O empresário português queria manter esse patamar, por isso associou-se a um amigo de longa data e continuaram a remar nesse sentido. Até pelo Eliseu, na altura em que o Presidente era ainda François Mitterrand, passaram. "Eu tenho orgulho do que fizemos. Também trabalhámos no Hotel du Lac, fizemos restaurantes em Manhattan, vivendas na Florida, estivemos na construção do Atrium, uma espécie de teatro situado em Fort-de-France em Martinique, a FNAC no

Norte Shopping do Porto, a FNAC em Madrid e em Paris também".

Durante quatro anos fizeram muitas obras de decoração, dobraram o volume de negócio e passaram de 7 para 15 milhões de francos na faturação. A nova etapa corria bem, "mas os meus clientes de limpeza industrial não me largavam", conta José Costa. No final desses quatro anos, o empresário decidiu regressar à área que o lançou no mundo

dos negócios. Vendeu a empresa e abriu uma nova sociedade. Fundou a AMG Propreté em conjunto com um antigo colaborador seu. Partilhavam a mesma idade e combinaram dedicar-se aquele trabalho até aos 50 anos. Em 1997 apertaram as mãos com a reforma para 2010 no horizonte.

Regressar e ficar entre as 70 maiores empresas francesas do setor

No início, trabalharam muito. Queriam recuperar os clientes do passado, conquistar novos mercados para o futuro e crescer de uma forma sólida e sustentável. Quando deram por si, os 50 anos tinham chegado "depressa demais". Depois de duas operações à coluna, José Costa sentia-se em forma para continuar a trabalhar, mas essa não era a vontade do sócio. O empresário precisou de comprar a parte dele, mas hoje não se arrepende porque os números falam por si: Em França existem 29.333 empresas deste setor, a AMG Propreté está neste momento no 67° lugar. Têm mais de 600 funcionários, "muitos são portugueses". Há casos de colaboradores que trabalham com ele há mais de 20 anos, um sinal de confiança que soube sempre valorizar: "Isso é que me faz feliz. O meu antigo sócio começou a trabalhar comigo em 1988, saiu em 2011. Ele era lavador de vidros, mas eu propus-lhe sociedade para ele se ocupar de alguns clientes. Agora também temos aí um funcionário indiano que sempre foi um bom trabalhador. Eu achei que devia ajudá-lo a subir na vida também. Mandámo-lo para a escola e hoje ele é responsável do setor. Cada vez que ele vinha das aulas e me via, só me agradecia". Ao seu lado direito, e a acompanhar todas estas histórias, estão os filhos. A família esteve sempre presente e é o único elemento que nunca teve preço. José Costa é pai de dois rapazes e está casado há 32 anos.

Um recuo até a segunda terça-feira de outubro de 1978 às 18h30

Em poucos anos, o "José" de Gondoriz tornou-se num verdadeiro homem de negócios. Respirou trabalho durante toda a sua vida. Os dias foram sempre cumpridos, mas houve tempo para o namoro, para o casamento e para constituir uma família. Pode não falar muitas vezes da rapariga que lhe mudou a vida em 1978, no entanto ainda se lembra da hora e da data exata em que a viu pela primeira vez: "Eu já conheci a minha mulher há muitos anos, mas ainda me lembro. Até lhe posso dizer a hora. Conheci na segunda terça-feira de outubro de 1978 às 18h30. Também lhe posso dizer como ela estava vestida, penteada e eu também". Naquele dia, José saiu do trabalho e foi visitar a madrinha. Quando chegou, encontrou Ana Maria preocupada porque o pai ainda não tinha chegado do trabalho. "Ela foi ter com a minha madrinha porque a conhecia. Eu só tinha 18 anos, mas fui um cavalheiro e decidi ajudá-la". Nunca mais perderam o contacto. O cavalheirismo valeu-lhe o casamento cinco anos depois. Em 1983 deram o nó em Valpaços e foram viver para um apartamento em França: "Os meus pais foram de férias para Portugal em 1982. Eu fiquei a trabalhar durante o mês de agosto para ganhar dinheiro para a casa que tinha comprado. Ela tinha pouco mais que 20 metros quadrados, mas era nossa e isso para mim era o importante". Aos 25 comprou uma vivenda, aos 27 teve o primeiro filho, aos 55 foi avô.

O casamento de Anita e José

Meus sucessores

Aos 27

"Quando eu nasci, o meu pai tinha 27. Quando o meu filho nasceu, eu tinha 27 e agora a minha neta nasceu e ele também tem 27". Aos 27, acrescenta-se por norma um elemento à família Costa. A "netinha" concentra agora todas as atenções: "Eu estou sempre a tirar-lhe fotografias. No dia em que ela nasceu, fui logo a correr para o hospital. Neste momento é a melhor coisa da minha vida", disse Ana Maria Lopes emocionada. José Costa confessa que não passou tanto tempo como gostaria com os dois rapazes. Hoje canaliza esse carinho para o rebento mais novo: "Ainda há uns dias peguei na minha netinha e dei-lhe o biberão. A minha mulher até disse que eu nunca tive oportunidade para dar leite aos meus filhos, mas agora já dou à minha neta. Eu tentei sempre arranjar tempo para eles, mas não foi fácil". Atualmente, José Manuel e Bruno da Costa trabalham com o pai. Os dois jovens podem ser os próximos a assumir os comandos que conduzem o grupo empresarial: "Eles agora compreendem porque é que eu fiz isso. Às vezes são 9h da noite e eles ainda estão aqui na empresa. Eu sempre comparei uma empresa a um filho. Todos conseguimos fazer um filho, mas criar um homem com um H grande ou uma mulher com um M grande é muito complicado", diz José Costa enquanto sorri.

De Presidente a "árbitro ou conselheiro"

Neste momento, a par da AMG Propreté, ligada à área das limpezas industriais, o grupo fundou também a AMG Securité. Dedica-se inteiramente ao setor da segurança e emprega mais de 150 colaboradores. Recentemente, foi constituída ainda a AMG Multiservices, focada na manutenção de edifícios. Em Portugal, José Costa está envolvido em vários investimentos, principalmente no ramo imobiliário. Atualmente, também está a espreitar oportunidades de negócio na área das limpezas para entrar no mercado nacional. No entanto, os principais objetivos para o futuro ainda passam por França. No ano passado, o grupo apresentou uma faturação anual na ordem dos 15 milhões de euros e está com perspetivas de crescimento significativas.

Naquela tarde de agosto, em Arcos de Valdevez, José Costa pôs de lado os números e só fez contas à vida. Passeou pelo jardim, conversou com o vizinho que também esteve emigrado na América e ainda tocou concertina acompanhado pelo filho mais novo. "Estou a ficar sem prática. Já não tocava há muito tempo, mas ainda sei algumas músicas". Terminou a tarde a tomar conta da neta e espera que seja assim o seu futuro: "Agora eu quero ver os meus filhos a trabalhar para me poder ocupar dos netos. Ainda há muita coisa a fazer e eu quero ajudá-los, mas também vou aproveitar melhor o meu dia. Quero servir de árbitro e conselheiro".

Diamantino Marto

Eu não sei do que é feito o amanhã,
mas a minha ambição é deixar cá uma boa imagem, pelo menos hoje.

Diamantino Marto emigrou em 1964. Trazia o passaporte, o contrato de trabalho nas mãos e começou a labuta no dia seguinte. Já passaram mais de 50 anos desde então. Anos "de trabalho, persistência e seriedade". O português criou uma das maiores empresas do setor da demolição em França. Atualmente é consultado para fazer as principais obras da região e emprega mais de 200 funcionários, mas no início esteve sozinho. "Conduzia a máquina, ia fazer o trabalho, preparava os orçamentos e passava as faturas". Foram anos de "sacrifícios" e de frutos também. Hoje, recorda com um sorriso nos lábios, o dia em que Cavaco Silva lhe entregou o diploma de mérito ou o jantar em que foi condecorado pelo Presidente da República Jacques Chirac, acompanhado pela esposa e por Jorge Sampaio, no Eliseu. Foi suado e depois reconhecido. Atualmente, o principal legado está passado. A empresa familiar é gerida pelos dois filhos, mas essa "já é a história deles". A história de Diamantino Marto escreve-se mais de "ambições" do que de sonhos, da "sorte que se procura" e não da que se encontra, dos tais "frutos que se colheram", mas também foram plantados.

A "matemática" da emigração

Nasceu no dia 21 de outubro de 1946, em Colmeias, no distrito de Leiria. Na escola foi "um bom aluno". Hoje ainda sabe por onde passam as águas dos principais rios, as dinastias de Portugal e como fazer uma boa conta de dividir de cabeça. No exame da quarta classe também tirou uma boa nota, mas "a mãe precisava dele a trabalhar". Aos 10 anos, Diamantino Marto já fazia contas à vida e trabalhava numa fábrica de cerâmica. Esteve lá até aos 17, até ao dia em que decidiu olhar para a "matemática" da emigração: "Eu lá ganhava cinco escudos por dia, aqui ofereciam dois francos e dez por hora, o que valia mais ou menos cinco escudos. Iria ganhar mais em duas horas do que ganhava lá num dia. Não tive hipótese de escolher, a escolha já estava matematicamente feita", recorda. Quando saiu de Portugal, Diamantino Marto já "vinha com tudo legal". Tinha um contrato de trabalho como operador de máquinas e começou a conduzir

no dia seguinte. O português "assentou praça em Lille", perto da Bélgica, mas dois anos depois, decidiu mudar-se para Paris e veio fazer companhia ao irmão.

Em Portugal, Alcina estava sozinha à sua espera. O português casou em 1969, mas não conseguiu logo reunir a família: "Nós nascemos um ao lado do outro, fomos criados um ao pé do outro e íamos à escola juntos. Continuamos sempre juntos, mas quando eu vim para França, tivemos um problema". Naquela altura, o Presidente Giscard d'Estaing lançou uma lei onde constava que se podia unir a família, mas essa possibilidade não abrangia os filhos. O mais velho do casal não podia vir

e sem ele, a mãe também não queria viajar: "Eu tive que usar os meus conhecimentos. Mudei a residência dela para Lisboa, ela conseguiu assim obter um passaporte turístico e veio com o nosso filho. Lá conseguimos ultrapassar essa barreira". Quando chegou, Alcina tinha 25 anos. Planeavam ficar pouco tempo em Paris e o pas-

Escola primária de Colmeiasonde Diamantino Marto fez a 4ª classe

saporte turístico até condizia com essa vontade de voltar, mas a viagem teve sempre um bilhete de ida e volta: "Eu disse-lhe que vínhamos para juntarmos 500 contos. Quando tivéssemos os 500 contos ganhos, voltávamos a Portugal e estabilizávamo-nos novamente lá. Como nunca mais ganhei os 500 contos, nunca mais fomos embora", diz sorrindo.

"Arrisquei porque não tinha nada a perder"

Durante 10 anos, Diamantino Marto trabalhou em várias empresas, mas em 1974 decidiu lançar-se por conta própria. Começou sozinho na área da demolição e escavação de terrenos. Tinha apenas uma máquina e dois braços, mas foi suficiente para arrancar as obras: "No início, eu não tinha nenhum funcionário. Eu fazia tudo sozinho. Conduzia a máquina, ia fazer o trabalho, preparava os orçamentos e passava as faturas", explica. Durante esse período, estava pouco tempo em casa, saía de manhã, entrava à noite e mal via os filhos: "Eu ia trabalhar e eles ainda estavam a dormir. Chegava e eles já estavam na cama". Apesar do trabalho e das noites mal dormidas, nunca teve medo do risco. Deu um passo grande, mas não foi maior do que a perna: "Eu arrisquei porque não tinha nada a perder: Nós se queremos aprender a nadar, temos que nos atirar para a piscina e foi sempre assim que eu vi as coisas".

Neste momento, só na empresa Marto & Fils e SAT, empregam cerca de 200 pessoas. Participam em vários concursos públicos e "90% das vezes são consultados quando há obras importantes na região". A cooperação entre a família foi talvez "um dos maiores trunfos". Alcina esteve sempre ligada aos negócios, ainda se recorda e sabe de muitas coisas e, apesar de ter estado "um passinho atrás", esteve sempre ao seu lado: "Como se costuma dizer, ao lado de um homem, está sempre uma mulher e o meu caso não é uma exceção à regra. Ela acompanhou muitas coisas. Tem uma memória fabulosa, ao contrário de mim. Essa boa relação foi também uma vantagem", afirma. Apesar de não ter tido uma grande formação, Diamantino Marto andou na escola da vida e procurou sempre gerir as contas com clareza. Só fez créditos, "quando sabia que tinha dinheiro para os pagar" e está convicto que "não se pode pedir, sem saber bem como se vai reembolsar".

Alcina e Diamantino Marto

"Para as pessoas se darem bem com um banco, nunca devem precisar dele"

A história já é antiga, mas não se esquece da lição que tirou naquele dia. Quando comprou uma pedreira em Gagny, fez um empréstimo com juros a 12%. Naquela altura, a taxa começou a baixar e Diamantino Marto convidou o banco a renegociar a dívida, mas o "não" foi imediato e a resposta do empresário também: "Os bancos disseram-me que não dava porque tinham pedido o dinheiro a esse preço e não podiam baixar. Eu pedi as contas e disse que ia pedir a outro lado para lhes pagar. Um dia apareceu-me um estagiário com um papel. Dizia que eu devia 7 milhões ao banco. Eu fiz um cheque com esse valor e disse-lhe que não tinha mais relações com eles a partir desse dia. O estagiário mais tarde ligou-me para dizer que o cheque teve cobertura e foi pago. Eu perdoei-lhe a inocência, mas não esqueci a atitude dos patrões", recorda. O emigrante sempre encarou os créditos como "um ato de gestão normal e lógico", mas defende que "para as pessoas se darem bem com um banco, nunca devem precisar dele". É por isso que ainda hoje recorre a essa história antiga. Teve um final feliz, mas podia tê-lo deixado em maus lençóis.

A passagem do testemunho

Atualmente, a empresa familiar já soma mais de 35 anos de experiência. O casal teve dois filhos que cresceram acompanhando o ritmo do negócio: "À noite falava-se da empresa, ao domingo também e eu vinha para aqui aos fins-de-semana. Eles estiveram sempre ligados a isto, mas primeiro formaram-se.

Eles quiseram estudar e esse foi o nosso conselho também. Nós conhecemos bem as lacunas que temos por não sermos formados. Estou sempre a tentar compensar através de outros meios aquela formação que não tive inicialmente".

Os "dois rapazes" são engenheiros e assumiram os comandos do negócio há cinco anos atrás. O empresário "nunca quis impor nada", mas sentiu-se feliz no dia em que viu a continuidade do nome da família assegurada por mais uma geração: "Quando eu disse que podíamos vender, eles disseram logo que não queriam vender o nosso nome. Agora estão a passar com a família o que eu passei também. Têm semanas que não vêem os filhos. Eu sempre defendi com garra os negócios para que eles não tivessem grandes dificuldades na vida e eles estão na mesma situação", afirma. Apesar de já estar na reforma, essa é apenas uma teoria que não se verifica na prática. Diamantino Marto ainda anda pelos corredores da empresa. "Dá a mão e o apoio que precisam", dedica-se à gestão imobiliária das diferentes sociedades patrimoniais e vai com frequência visitar a Ilha mais verde.

"E porque não os Açores?"

Ainda não conhecia os Açores, mas um dia foi com um colega visitar S. Miguel e conhecer um solar que estava à venda. Só precisou de dois dias para fechar o negócio. Em poucas horas ficou apaixonado pelo verde e pela tranquilidade daquele espaço: "Saímos daqui numa quinta-feira e no sábado já tínhamos o solar comprado. Compramos os dois, mas não sabíamos bem o que fazer com aquilo. Optamos por fazer um restaurante hotel".

Atualmente o sócio já se desvinculou do negócio e o empresário comprou as quotas dele. O "Solar do Conde" emprega cerca de 20 pessoas. Está envolto na neblina do Oceano Atlântico, cercado pelo verde dos campos e reúne história, crenças e tradições. O empresário vai lá praticamente todos os meses: "Quando eu o vi pensei "e porque não os Açores?" Eu não tinha nada para ser hoteleiro, mas fazendo confiança nas pessoas certas, consegue-se. Eu sinto que elas são carinhosas, corajosas, trabalham bem e isso é o mais importante. Eu não fui lá para enriquecer, fui lá para investir. Agora estou a tentar ampliar para o dobro a capacidade do hotel", afirma.

Para além desse investimento, o português também tem uns bens imobiliários na França, um castelo em Seine-et-Marne, prédios em Leiria, Lisboa e no Algarve. Continuou a investir em Portugal por uma razão muito simples: É português e garante que não vai rejeitar a primeira casa: "Embora tenha havido erros políticos porque isso há sempre, eu acho que nós temos de acreditar naquilo que somos. Uma vez até disse que era melhor ensinarem novamente o hino nacional. Está lá tudo escrito: "Heróis do Mar, Nobre Povo, Nação Valente". Se nós analisarmos palavra por palavra, percebemos bem o seu significado. Eu sempre tive num cantinho do coração a bandeira nacional de Portugal. Tenho investido lá e vou continuar com certeza", afirma.

"As nossas ações é que nos gabam, não somos nós"

Durante o seu percurso profissional, Diamantino Marto

também teve "momentos de grande felicidade". Hoje ainda recorda com um sorriso aberto e um ar emocionado, o dia em que foi jantar ao Eliseu e foi condecorado com a medalha de mérito pelo Presidente da República Jacques Chirac, acompanhado pela esposa e por Jorge Sampaio. Há dois anos atrás, o desempenho do empresário foi novamente reconhecido. Desta vez recebeu um diploma de mérito do Presidente Cavaco Silva. "São momentos inesquecíveis. Momentos que não se compram no mercado. Obtêm-se com trabalho e, quando isso acontece, só podemos ser ainda mais felizes. As nossas ações é que nos gabam, não somos nós. Quando são as outras pessoas a contar, eu acho que é muito mais simpático".

Diamantino Marto diz que chegou "onde pôde" e confessa que nunca imaginou conseguir fazer tanto como fez. Tudo "exigiu um grande esforço familiar e físico". Foram muitas noites sem dormir, muitas horas de trabalho, mas criou. Foi "um empreiteiro" e, no final, a árvore que plantou deu frutos: "Se nós não criarmos nada, não somos empreiteiros. Para se ser um empreiteiro, é preciso empreender, ter riscos. A árvore que nós plantamos, pode dar um fruto. Se não a plantarmos, se não tivermos riscos, também nunca chegamos a ter frutos. Essa é a minha maneira de ver e estar na vida".

Sorte? "É preciso procurar todos os dias"

Aos 69 anos, está na "reforma entre aspas". Ainda veste a camisola da empresa diariamente, continua "a ser um membro ativo", até porque "perguntam muitas vezes pelo pai". Apenas conhece "o trabalho, a seriedade e a persistência naquilo que se pretende". Não acredita em milagres e, no que toca a sorte, Diamantino Marto garante que "é preciso procurar todos os dias".

Começou do zero, sem instruções ou dinheiro, mas os dois braços e a cabeça foram suficientes para se orientar: "Até posso ter cometido alguns erros, mas se fosse preciso recomeçar, faria tudo igual", afirma. Já não olha para o passado, mas quer ser um exemplo no presente: "Eu não sei do que é feito o amanhã, mas quero deixar cá uma boa imagem pelo menos hoje".

Miguel Pires

Não sinto nenhuma mágoa ou revolta por ser emigrante.
Vim à procura de uma vida melhor e encontrei.

O poema de Manuel Alegre "A Trova do Emigrante" pode servir de mote para a próxima história. Quando Manuel Freire deu voz e cantou esta trova pela primeira vez, foi censurado. Fez ecoar a vida de milhares de portugueses afastados do país, mas presentes nas palavras do poeta:

"Vai-se um homem vai com ele
A marca de uma raiz
Vai com ele a cicatriz
De um lugar que está vazio
Leva gravada na pele
Um aldeia um campo um rio

Ficam mulheres a chorar
Por aqueles que se foram
Ai lágrimas que se choram
Não fazem qualquer mudança
Já foram donos do mar
Vão para terras de França"

Não são precisos muitos versos para recuar até aos anos sessenta e setenta. Em poucas palavras, lê-se o destino de muitos emigrantes. Lê-se a Europa que se percorria na clandestinidade "porque lhes foi dura a sorte". Hoje, ao ler o poema de Manuel Alegre encontrámos um pedaço da história de Miguel Pires. Em 1984 partiu para "terras de França". Deixou para trás a aldeia, o campo e o rio do Gerês. Despediu-se da mãe sem tempo de lhe enxaguar as lágrimas. Partiu à procura de outra "sorte", de uma vida melhor e encontrou. 34 anos depois, o amor por aquela aldeia permanece intacto, vivo como o verde dos campos. Todos os anos regressa a casa, mas sabe que tem de partir. Vai novamente para "terras de França" e foi para lá da fronteira que o fomos encontrar.

As "lições" da telescola

Miguel Pires nasceu no Gerês. Foi criado na freguesia do Rio Caldo, próximo do Santuário de São Bento da Porta Aberta. Cresceu a respirar o ar puro da Serra do Gerês e ainda hoje fala com carinho "daquela terra maravilhosa". Durante a infância, foi educado pela mãe porque o pai já era emigrante. Com seis irmãos, reconhece as dificuldades que a mãe teve para criar sozinha os quatro rapazes e as três raparigas. Ainda só tinha sete anos e já dividia o seu tempo entre o trabalho da manhã e as "lições" da telescola à tarde: "Desde os meus 7, 8 anos que eu ia à escola de manhã e à tarde já trabalhava para um talho da freguesia. Quando mudei para a telescola e tinha aulas de tarde, ia

trabalhar de manhã". Miguel Pires ainda é do tempo da telescola. Começou cedo a trabalhar num talho, mas também ajudava os lavradores que guardavam os animais. Ainda tentou fazer o primeiro e o segundo ano, mas um mal entendido fez com que desistisse dos estudos e aos 12 anos já estava pronto, com as mangas arregaçadas para trabalhar a tempo inteiro: "O patrão daquele talho tinha duas filhas que andavam comigo na escola. Uma vez, uma delas lembrou-se de dizer que eu tinha roubado um relógio para dar a uma menina que estudava connosco. Eu tive vergonha do que ela andava a dizer e desisti da escola. Coisas de miúdos", recorda a sorrir.

O pai ainda estava a trabalhar no estrangeiro quando abandonou os estudos, mas regressou pouco tempo depois. Em 1978, uma doença grave surpreendeu a família e levou-lhes a figura paternal pouco tempo depois. Miguel Pires já trabalhava numa fábrica de blocos e era operário fabril, mas as dificuldades multiplicavam-se. Um dia a mãe pediu ajuda ao filho mais velho que estava na França. Miguel tinha 16 anos quando foi com ele para Paris: "A minha mãe pediu-lhe ajuda porque gostava que eu viesse ganhar mais. Ele tinha oportunidade e trouxe-me. Ele trabalhava para um arquiteto e eu vim trabalhar com ele".

O tempo da clandestinidade

Em 1984, Miguel Pires era mais um emigrante clandestino. Conheceu logo muitos portugueses. Na equipa de futebol do Desportivo de Clichy deu os primeiros toques na bola

A escola primária que Miguel Pires frequentou é agora o Centro médico

em relvado francês, fez as primeira amizades. Mas ainda tinha saudades da mãe, do cheiro a eucalipto e do verde da serra: "Os primeiros anos em que eu estive aqui sem papéis foram talvez os piores anos da minha vida. Eu arranjei sempre maneira de ir todos os anos a casa, às vezes com bastantes dificuldades, mas consegui ir sempre".

Foi clandestino durante quatro anos. Esteve em casa do irmão, morou num apartamento arranjado por um amigo e trabalhou sem qualquer segurança ou perspetivas: "Era normal desanimar porque os patrões pagavam quando queriam, quando lhes apetecia. Nós no final do mês andávamos sempre sem dinheiro", explica. Hoje ainda se lembra como era difícil encarar a polícia, vivendo o permanente receio de ser identificado: "Eu sou do tempo em que era preciso fugir à polícia. Quando eu via um polícia num passeio, tinha que atravessar para o outro lado com medo de ser preso". Foram os anos "mais tristes", mas o tempo da clandestinidade tinha os dias contados.

"Eu fui o primeiro português no departamento 92 a ter uma autorização de residência"

Miguel Pires foi o primeiro português do departamento Hauts-de-Seine (92) a receber uma autorização de residência - a carta que o legalizou no país e lançou por conta própria: "Em 1988, eu fui o primeiro português no departamento 92 a ter uma autorização de residência, a chamada

Capela de São Cristovão

"Carte de Séjour". Na carta dizia que eu podia exercer todas as atividades profissionais. Eu só não podia ser assalariado, por isso eu tinha mesmo de trabalhar por conta própria", explica. Antes de conseguir a legalização, Miguel Pires passou por muitos trabalhos, mas quando chegou a hora de decidir o ramo da empresa ficou-se pelos primeiros amores e dedicou-se à área da construção civil: "Eu sei fazer muita coisa. Já fui comerciante, já fui cozinheiro, servente de café, até já fiz blocos, mas acho que é na construção que me sinto melhor".

Criou a empresa "Braga Constrói" com a ajuda de um cunhado. Durante os primeiros anos tiveram uma firma pequena, mas depressa se tornaram numa empresa sólida, que já trabalhou em obras como a Catedral de Évry: "Temos a sorte de trabalhar com bons arquitetos e de fazer trabalhos de categoria. Há uma que fica na história e será difícil participar noutra igual. Participamos na obra da Catedral de Évry. É uma catedral completamente moderna, uma verdadeira obra de arte. Eu tenho muito orgulho de ter participado naquela construção", afirma. No final dos anos 80, tudo parecia estar encaminhado. Já não era um clandestino por "terras de França", tinha a sua própria empresa e a saudade da terra natal parecia menor. Mas ainda faltam umas cartas para o baralho ficar completo. Faltam cartas de amor.

Há 30 anos atrás era assim…

Durante os primeiros anos na França, "não faltaram na-

O jovem Miguel Pires no dia do casamento com Fernanda Pires

moricos". Nenhuma era a tal, mas um dia Miguel Pires e o irmão encontraram dois colegas de trabalho que foram verdadeiros "santos casamenteiros": "Há 30 anos atrás era assim. Nós éramos de S. Bento e trabalhávamos com uns senhores que eram de Vila Verde. Um deles, uma vez disse ao meu irmão que havia lá na freguesia uma rapariga que era boa para ele. Deu a direção dela ao meu irmão e ele começou a escrever-lhe, sem a conhecer. No primeiro ano, começou a namorar com ela por cartas e só foi vê-la um ano depois. Quando se conheceram, arranjaram o casamento e casaram. Quando ele se casou, eu conheci a irmã dela mais velha". A irmã chamava-se Fernanda e acho que já não são precisas grandes explicações.

Miguel Pires começou a enviar cartas para a mesma direção usada pelo irmão, mas escreveu para outro destinatário. Durante um ano trocaram as tais cartas de amor: "O namoro era duas cartas por semana e um telefonema ao fim de semana. Só fui vê-la na Páscoa e no verão e depois pedi-a em casamento para o Natal. Ou melhor, eu falei primeiro com o pai dela. Perguntei-lhe se ele me dava a mão da filha e ele perguntou-me se eu era capaz de a sustentar". Miguel Pires disse que sim. Ainda não sabia bem como, nem como iria ser a vida a partir daquele momento, mas tinha uma certeza: Queria casar com Fernanda e quando entrou em 1988 já não era solteiro.

"A minha mulher veio para França e começou a trabalhar no dia seguinte"

Fernanda é natural de Braga. Cresceu em Vila Verde, mas quis o destino que continuasse a ser feliz longe do norte

O casal Pires sempre enamorado

A família Pires - Mário, Fernanda, Miguel e Rui

do país. Depois dos bailes, das cartas, do pedido e do casamento, veio para as mesmas terras do marido: "A minha mulher veio para França e começou a trabalhar no dia seguinte. Foi logo fazer limpezas. A irmã dela já estava aqui e arranjou-lhe trabalho. No primeiro dia perdeu-se no metro claro. Andou perdida mais de duas horas porque estava sozinha. Nunca tinha estado cá e nem sabia falar", conta Miguel Pires. O princípio é sempre mais difícil e esses foram dias complicados, mas Fernanda nunca baixou os braços. Hoje já não trabalha nas limpezas, mas continua a ser uma mulher ativa, completamente dedicada à família: "Quando a empresa começou a crescer, o Miguel disse que eu não precisava de continuar a trabalhar. É por isso que hoje já não trabalho nas limpezas", explica. Continua a ser a mesma rapariga simpática que lhe escreveu um dia e Miguel Pires não esconde o carinho que ainda sente: "A minha mulher é excecional. Ela é engraçada, amiga, faz amizades com pessoas espetaculares e apoia-me muito naquilo que eu faço. O facto de ela não criticar, já é um apoio enorme para mim".

O dia em que ganhou o prémio de "melhor professor"

Depois do casamento vieram os filhos, os dois rapazes. Hoje, Miguel e Fernanda ainda recordam com as lágrimas nos olhos o dia do nascimento do primeiro filho do casal: "Ele nasceu muito mal. Nasceu com quatro quilos e seiscentos e oitenta gramas, mas estava muito mal. Tinha dificuldades em respirar. Eu estive sempre ao lado da minha mulher e eles disseram-nos que iam mudar o nosso filho de serviço. Eu pensava que eles iam muda-lo de serviço dentro do próprio hospital. Fui a casa buscar umas coisas e quando regressei, a minha mulher disse-me que ele não estava ali. Eles já tinham levado o nosso filho de helicóptero para outro hospital. Já não nos davam muitas esperanças, mas graças a Deus salvaram-no".

"Hoje já é um rapazão". Chama-se Mário. Tem 26 anos e um irmão com 23. Atualmente trabalham com o pai e são os únicos sócios da empresa Braga Constrói: "Quando o meu cunhado foi para o Canadá, ofereceu as partes dele aos meus filhos, mas como eu trabalhava com o meu cunhado, continuo a trabalhar com os meus filhos. Sou pai deles no trabalho e em casa claro, mas em casa sou pai e amigo. No trabalho sou pai e patrão". Os dois jovens têm formação noutras áreas e Miguel Pires garante que nunca os pressionou para darem seguimento à empresa. Mas quando chegou a hora de escolherem o futuro, olharam para ele: "O mais velho ainda foi fazer uma formação para outra empresa. Era superior à nossa, muito grande, mas quando acabou a formação pediu-me se podia vir trabalhar comigo. O mais pequeno, o Rui disse que não havia melhor professor que eu e quis vir logo para aqui".

"Em França já tenho uma pedra com o meu nome"

Fora do trabalho, Miguel Pires sempre soube gozar a vida. Está presente em quase todas as festas da Comunidade Portuguesa e esteve sempre ligado ao associativismo: "Ainda era clandestino e já jogava futebol no Desportivo

de Clichy. Depois fui diretor dessa associação e mais tarde presidente durante sete anos. Quando eu faço alguma coisa, faço com gosto e paixão. Aqueles sete anos foram anos de glória. A associação esteve sempre no topo", recorda.

Miguel Pires também faz parte da primeira geração de portugueses eleitos em França. Nos últimos anos, criou e liderou uma Associação em Gennevilliers e teve na vila onde mora a primeira pedra com o seu nome: "No dia em que nós inauguramos a Associação, o Presidente de Câmara da vila pousou uma pedra onde dizia que foi inaugurada ali aquela associação na presença do Presidente Miguel Pires. Em França já tenho uma pedra com o meu nome".

“Ainda me falta fazer tudo”

Ainda só tem 48 anos, mas já construiu um percurso ascendente, em direção ao sucesso. Parar? Está longe de acontecer. Ainda lhe falta “fazer tudo”, ou pelo menos assim o espera: “Ainda não fiz nada. Hoje tenho cerca de 600 prédios, é verdade que tenho. Dá-me gosto passar na rua e ver que são prédios que eu realizei, mas acho que ainda posso fazer mais do dobro”. Atualmente faz uma distinção simples entre Portugal e França: “Para os emigrantes, aqui é o país onde se trabalha, onde se ganha o dinheiro e lá é o país onde de goza, onde se aproveitam as férias”.

Já pensou muitas vezes em regressar e até chegou a comprar uma loja para abrir um negócio na terra natal, mas a estabilidade falou mais alto. O amor por Portugal permanece intacto. Mantem-se vivo como o verde daquela terra que se descortina entre a paisagem montanhosa de S. Isabel do Monte e espelha-se nas águas da Albufeira da Caniçada. É esse sentimento e valor que procura passar diariamente aos filhos: “Nós não escolhemos onde nascemos, mas acho que temos de ter amor à pátria, devemos ter amor à terra que nos viu nascer. Eu sempre disse bem da nossa terra, sem falar de política, sem falar da vida atual porque foi lá onde nós nascemos e devemos dar-lhe valor. Eu também acho que é por isso que os meus filhos adoram Portugal”.

“Eu não sinto nenhuma mágoa ou revolta por ser emigrante”

A família vai várias vezes por ano até ao Gerês: “Nunca me encho de ir lá”. Apesar de gostarem de Paris, ainda sentem aquela angústia na hora de partir, na hora em que vão para “terras de França”: “Quando sabemos que vamos voltar, começamos a sentir aquela angústia e a pensar “já é amanhã que vamos embora”, afirma Miguel Pires. Mas são felizes. Não há lugar para mágoa ou revolta. Quando partiu, fez as malas, despediu-se da mãe, “daquela terra maravilhosa” e veio à procura de sorte. 34 anos depois, afirmam com toda a certeza que encontraram: “Eu não sinto nenhuma mágoa ou revolta por ser emigrante. Vim à procura de uma vida melhor e encontrei”. Depois da tempestade, veio a bonança. Fernanda “não podia desejar mais”. Hoje diz com um sorriso doce e aberto: “Eu sou feliz assim”. Têm um pé em Portugal, outro em França e um coração grande, com lugar para os dois países.

Mário de Sousa

"Ela não tinha nada, eu também não,
mas juntos conseguimos construir o que temos hoje"

Há histórias e historinhas. São diferentes. Até podem ter a mesma dose de drama, comédia ou suspense, mas serão sempre diferentes. Esta é mais uma história real. Daquelas que se escreve preto no branco. Não tem floreados, segue por linhas tortas, mas encontra a razão. Ainda não conheceu o seu fim e desengane-se quem vem à procura de um "e viveram felizes para sempre". O aviso está dado porque esta não é uma historinha, nem está perto de o ser. É uma história de vida, com o final em aberto e os sonhos ou barreiras por terminar.

Em agosto viajamos até ao norte de Portugal. Fomos até Vidago ao encontro de mais uma família portuguesa. A hora de almoço estava a aproximar-se e depois de jogar à bola com o neto, o avô ou "papi" como era carinhosamente tratado, foi fazer os grelhados: "Ele tem jeito para esta parte da cozinha", ouve-se. Os filhos e os netos punham a mesa e planeavam uma tarde na piscina. Estava um dia quente e as temperaturas convidavam a banhos. Depois de um ano de trabalho em França, recuperavam as baterias na paz da aldeia, respirando o ar puro da Quinta de Sousa - o nome do espaço e também o apelido da família que faltava apresentar. Mário construiu a moradia onde era a antiga casa dos pais e hoje vê nela um refúgio para descansar. Mas como é que foi chegar até ali? Naquela tarde, Mário de Sousa era mais um avô, um chefe de família acompanhado pela esposa, pelos filhos e netos. Tudo parecia simples, mas nem sempre foi assim. Foi prometida uma história real e é essa que eles nos vão trazer.

O tempo em que não havia fartura, mas também não havia fome

Estávamos a poucos quilómetros de Boticas, terra onde Mário de Sousa nasceu em 1953. Cresceu e passou a mocidade em Montalegre. Na Aldeia Nova do Barroso "passou um mau bocado com o frio", deu os primeiros passos e foi pela primeira vez à escola. Mário ou "Marinho" foi sempre

um aluno disciplinado e acabou por frequentar um colégio privado. A oportunidade pode parecer grande para o tempo em que estávamos, mas hoje explica-nos como é que isso foi possível naquela altura: "Nós não tivemos conforto, nem grande fartura mas também não tivemos fome. Como eu via o salário do meu pai pequenino e nós estudávamos todos num colégio privado, durante as férias escolares eu ia ajudar voluntariamente os agricultores. Eles como eram nossos amigos, davam-nos um bocadinho de terra para trabalhar, um cabrito ou um coelho. Também cheguei a ir trabalhar para as estradas", recorda.

Mário de Sousa nasceu em Boticas

Mas as tarefas não se ficaram por aqui. Lá em casa, a mãe cuidava dos seis filhos e o pai era militar da GNR, uma profissão que valeu algumas aventuras aos rapazes. Mário e o irmão Delfim nem precisaram de brincar aos polícias e aos ladrões porque arranjaram um cargo a sério no posto: "Eu e o meu irmão ainda fomos apreender aquelas pessoas que não se apresentavam ao posto,

Casa onde viveu em Aldeia Nova.
Em baixo o posto da GNR onde o pai estava destacado.

os fugitivos. Eu fiz essas buscas com o meu pai. À noite ele perguntava se nós queríamos ir com ele e nós íamos logo". Quando era mais novo, sonhava ter uma bicicleta, mas nunca teve dinheiro para a comprar. Mário de Sousa esteve em Montalegre até aos 15 anos. Quando chegou a altura de ingressar no liceu, partiu para o Alto Alentejo. Em Benavila começou a fazer estudos relacionados com o meio agrícola, mas não os chegou a concluir. Durante umas férias de verão, foi até França. Ia com um bilhete de volta, mas acabou por ficar.

O dia em que teve dinheiro para comprar "uma bicicleta e uma mota também"

Escola primária de Aldeia Nova

Ainda não tinha atingido oficialmente a maioridade quando saiu de Portugal. Aproveitou as férias de verão e foi com o irmão até França. Fez 18 anos uma semana depois. Inicialmente, pensava ficar apenas um mês e regressar, mas foi trabalhar para uma fábrica metalúrgica e o dinheiro acabou por falar mais alto: "Quando chegou o final do mês, o chefe chamou-me. Hoje ainda me lembro da cara dele. O meu salário foram onze bilhetes de cem francos. Aquilo para mim era muito dinheiro. Comecei logo a distribuir e mandei algum para a minha mãe, para o meu pai, comprei logo uma bicicleta, uma mota também e mais tarde um carro. Nem tinha carta, nem nada, mas estava contente".

Esse foi o primeiro trabalho de Mário de Sousa. Nunca chegou a trabalhar em Portugal, mas somou muitas profissões na França. No início ainda trabalhou numas bombas

Igreja de Aldeia Nova

de gasolina numa estação de serviço, foi canalizador e empregado fabril, mas à medida que os anos foram passando, Mário foi crescendo e começou a assumir cargos de grande responsabilidade nas empresas. A última por onde passou como funcionário, fazia limpeza industrial, tal como a empresa que criou mais tarde e ainda mantém. "Eu era responsável por recrutar o pessoal, mas nunca tinha trabalhado na limpeza industrial antes. Tive que aprender e conhecer o sistema e ainda subi de posto rapidamente. Estive lá muito tempo e fui o responsável pelo serviço técnico, pelo serviço comercial das agências". Foi lá que conheceu a mulher que está hoje ao seu lado, mas já vamos lá chegar.

"Ela estava sempre a trabalhar, era mesmo corajosa"

Namoros? "Foram muitos", mas sempre fui uma pessoa "respeitadora". Aos 21 já estava casado. Teve dois filhos e juntos viveram felizes durante 14 anos. Um dia acordou, mas a felicidade já não estava mais ali. Fechou a porta, mas não se esqueceu do que ficou para trás: "Saí, mas deixei tudo para que não faltasse nada aos meus filhos. Tinha a conta bancária despejada e vim embora com um saco da Nike na mão, um par de sapatos e a roupa que trazia no corpo".

Agarrou-se ao trabalho. Naquela altura, Mário acompanhava a equipa responsável pela manutenção do estádio Roland Garros. Foi lá que olhou melhor para a rapariga que lhe oferecia café e comida todos os dias. Chamava-se Paula. Tinha apenas 23 anos, mas já era uma mãe coragem. Trabalhava mais de 10 horas por dia se fosse preciso: "Admirava-a muito porque ela estava sempre a trabalhar, era mesmo corajosa. Ainda hoje a admiro muito por ela ter conseguido o que conseguiu". "Ainda hoje". A história não ficou por ali e ainda hoje há mais para contar.

Mais uma "petite portugaise" no bidonville de Conflans-Sainte-Honorine

Paula também era portuguesa. Nasceu em Fermil de Bastos e passou a infância pelas ruas de Fermil. Em Portugal, fez apenas a primeira e a segunda classe, foi educada pelos avós: "O meu avô era muito severo e exigia muito respeito, mas a minha avó era meiguinha como todas as avós". Quando teve de partir para França, sentiu falta desse carinho. No dia em que fez 12 anos, era mais uma "petite portugaise" naquele espaço lamacento do bidonville de Conflans-Sainte-Honorine. Hoje ainda se lembra do T1 improvisado: "Nos bidonvilles nós dormíamos todos praticamente na mesma divisão. A minha mãe punha uma cortina a separar a nossa cama da deles, mas estávamos todos na mesma divisão. Fora do barraco, era lama. Na aldeia faltava muita alimentação porque não tínhamos iogurtes, nem leite, mas tínhamos uma casa em condições. Aqui já não era assim".

Ainda era uma criança e por isso acredita que não "foi tão complicado". Em 1975 mudaram a família para os prédios. Ainda ingressou na escola, mas desistiu: "Sofri um pouco por não saber falar. Estava um bocado à parte e por isso saí". Aos 14 anos, já fazia horas nas limpezas nas

casas das pessoas: "Era muito nova, mas como tinha muita maturidade e já era alta, trabalhava já na casa de uma senhora a fazer limpezas à quarta e ao sábado", recorda. Foi nessa altura que conheceu o primeiro namorado e teve o primeiro filho. Os pais não aprovavam a relação e Paula teve que manter o namoro e a gravidez em segredo: "O pai da criança não aceitou bem a gravidez naquela altura e foi para Portugal. Deixou-me sozinha. Eu mantive a gravidez às escondidas, mas tive um menino de três kg e meio".

Mário e Paula de Sousa

"Tive que me agarrar ainda mais a trabalhar e lutar pela vida"

Domingos nasceu em 1979: "Dei por mim sozinha, só com a roupa que tinha no corpo à porta do hospital. Não recebi uma

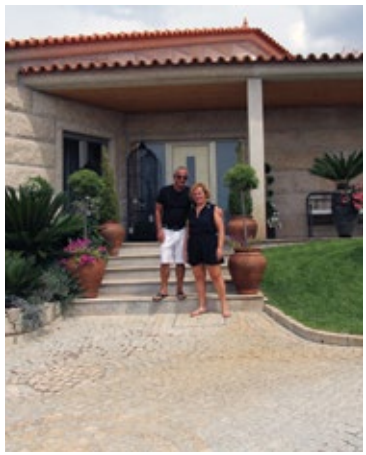
Vista da Quinta Sousa em Vidago

visita, nem um telefonema. Isso marcou-me, mas tive que me agarrar ainda mais a trabalhar e a lutar pela vida". Lutou ainda mais. Agora trazia um menino nos braços e não sabia como, nem com quem o ia criar. O pai ainda regressou. Casaram, tiveram juntos mais dois filhos, mas a relação continuava condenada. Quando estava grávida da terceira filha, pediu o divórcio. Encheu-se de coragem e saiu.

Ficou sozinha com os três filhos a cargo, mas desengane-se quem pensa que isso foi uma pedra no caminho. Esse foi o ponto de viragem: "Para mim trabalhar nunca foi um obstáculo. Eu chegava a fazer 15 ou 16 horas de limpeza por dia, se fosse preciso. Isso não era problema para mim. Eu só queria ter dinheiro para nós comermos no final do dia", recorda. A sorte estava prestes a mudar, embora não pareça. Paula nunca parou e procurou sempre mais trabalho. Um dia foi Mário de Sousa quem lhe abriu a porta.

"Ela não tinha nada, eu também não, mas juntos conseguimos construir o que temos hoje"

Naquela altura, Mário ocupava um cargo de direção numa empresa de limpeza industrial. Era muito procurado pela comunidade portuguesa e ajudou muitos compatriotas a encontrar trabalho ou a resolver questões burocráticas: "Eles procuravam-me para tentar encontrar empregos, mas também para outras informações". Paula foi uma dessas pessoas. Bateu-lhe à porta e pediu-lhe trabalho, mas Mário hesitou. Disse que só lhe pagava se o trabalho tivesse qualidade, mas hoje



riem-se quando contam essa história: "Ele não foi assim muito simpático porque disse que se eu não fizesse bem o trabalho, não pagava. Eu não fiquei lá muito contente. Tinha uma má impressão dele", recorda Paula.

Mas os dois iam mudar de opinião. Quando Mário de Sousa começou a conhecer o trabalho "da miúda de 23 anos", a exigência deu lugar à admiração, a tal admiração que "ainda hoje" tem: "Vinha ter comigo

e perguntava porque é que eu trabalhava tanto, porque é que eu tinha tantos filhos. Eu tinha apenas 23 anos e já tinha três filhos. Ele ficava admirado". Começaram a partilhar o café, trocaram o primeiro beijo e quando deram por si já estavam a namorar: "Eu já tinha 34 ou 35 quando nos juntamos. Ela não tinha nada e eu também não, mas juntos conseguimos construir aquilo que temos hoje". Mário e Paula construíram uma família feliz e já estão juntos há mais de 25 anos.

"Um sonho que se tornou realidade"

Quando saíram da empresa, decidiram criar um negócio por conta própria. Durante três anos, Mário não podia trabalhar nessa ramo por causa de uma cláusula do contrato, mas foi arranjando outras soluções. Ainda tiveram um restaurante e compraram uma loja de roupa, mas quando foi possível voltar a trabalhar no área da limpeza industrial, Paula incentivou Mário. Pegaram nas letras do nome e criaram a MDS. "Foram tempos difíceis", mas hoje têm uma empresa que "já é uma referência" na região: "Trabalhei durante seis anos de dia e de noite. Sem férias, sem interrupções e sem salário, mas eu sempre quis ter a minha própria empresa. Isto foi um sonho que se tornou realidade".

Inicialmente, Paula não ia trabalhar para a empresa, mas "a mãe coragem", como assim a vamos chamar, "não queria estar em casa" e arregaçou as mangas: "Comecei a ir para o escritório. Acompanhava o trabalho da contabilista até perceber como é que ela fazia as coisas. Comecei também a fazer formações, até conseguir fazer o trabalho que faço hoje. Agora faço a gestão do serviço de contabilidade e dos recursos humanos da empresa". Quando era mais nova, sonhava ser enfermeira, mas como não teve possibilidades de estudar, esse sonho nunca se tornou realidade. Hoje sente-se "realizada" e Mário é um homem feliz por vê-la assim: "É muito competente no trabalho dela. Nós conquistamos tudo com o nosso trabalho, com o nosso suor", afirma.

O casamento "pequeno" e a lua-de-mel que "se faz todos os dias"

Trabalharam muitas horas e talvez tenha sido por isso que o pedido de casamento foi feito por lá: "Ele chegou à porta do meu escritório e disse: "Estive a pensar numa coisa: se quiseres casar, podes ir buscar os papéis à Mairie e casarmos enquanto a minha mãe está cá". Eu perguntei-lhe se ele achava que era assim que se devia pedir em casamento, mas fui casar. Às vezes ainda digo que quando fizer os 25 anos de casada, vou ter a minha festa". Já estavam juntos há 15 anos e agora somam 12 de casados. A "lua-de-mel faz-se todos os dias" e não precisou de uma viagem: "Eu acho que o respeito que tenho por ela e o respeito que ela tem por mim é a base para manter o nosso amor", afirma Mário.

Quando era mais nova, Paula sonhava, tal como todas as raparigas, casar de vestido branco. Não correu como planeado, mas diverte-se quando fala dele na mesma: "Eu gostava de ter tido um melhor casamento porque quando casei a primeira vez, baptizei o meu filho e casei ao mesmo tempo com 15 ou 17 pessoas a assistir. No segundo casamento, éramos 27. Cresceram 10 porque os filhos já estavam lá todos" (Risos).

Uma resposta para todas as perguntas

Já têm seis filhos. Três são apenas filhos da Paula e dois filhos do Mário, mas fora do papel, não há distinções: "Eu respeito e adoro os filhos da Paula como se eles fossem meus filhos. Não há diferença. Os netos da minha mulher têm um papi: o papi, o avô Mário sou eu." Hoje os avós não estabelecem diferenças, mas também não fogem da verdade. Nas conversas não há segredos, nem temas tabus: "O meu neto é filho do filho mais velho da Paula. Há uns dias perguntou ao pai uma série de coisas. Está naquela fase dos porquês. O pai explicou-lhe que o papi Mário não era mesmo o pai dele, contou-lhe a verdadeira história. Disse-lhe que apesar de tudo, hoje a educação que tem é graças ao Papi Mário. A criança só tem seis anos, mas compreendeu tudo e eu acho

Mário e Paula com um dos netos

que foi muito bom. Era muito pior se vivesse no mistério até ser adulto", explica Mário.

Assim chegamos àquela tarde de férias em Chaves. A tarde em que tudo parecia simples e era. O "Papi" Mário jogava à bola com o neto e ele tinha todas as respostas que precisava. Atualmente são membros ativos da Comunidade Portuguesa em França. O casal faz parte da Academia do Bacalhau, mas também são solidários por conta própria. Na região de Chaves, ajudam todos os anos um orfanato e mantêm uma relação próxima com a instituição: "O Mário queria ajudar alguma instituição da nossa região e por isso pediu ao irmão para procurar alguém que precisasse lá. Ele falou-nos de uma associação de meninas e nós fomos lá. Aproveitamos o facto de fazer parte da Academia do Bacalhau e organizamos um jantar com elas, mas fomos nós que financiamos. Hoje continuo a ajudar esse orfanato sozinha, sem a Academia. No Natal mando chocolates às crianças e ainda há pouco tempo fui lá levar comida. Hoje tenho a sorte de ter tudo. Acho que devo dar aos outros, sem eles precisarem de pedir".

"Seis meses em Portugal, quatro em França e dois a visitar outros países…"

Mário já viveu mais anos fora de Portugal, do que dentro dele. Mora em França há 45 anos. Não se considera um emigrante, também não é mais francês do que português. Assume-se como uma pessoa que trabalha em França e gosta de descansar na terra que o viu nascer: "Já não me considero um emigrante há muitos anos. Eu até nem gosto que continuem a chamar-nos assim. Para mim, desde

que Portugal entrou na UE, eu passei a ser tão emigrante como o francês. Hoje eu trabalho em França e o francês não é mais do que eu, nem eu sou mais do que o francês. Eu sempre respeitei o país e continuo a respeitar porque foi o país que me recebeu. Foi lá que larguei o meu suor, para chegar onde cheguei".

Apesar de ter muitos amigos em Portugal, já acha que tem mais para lá da fronteira e não pensa em voltar: "Eu gosto muito de Portugal, acho que é um país maravilhoso, mas voltar definitivamente não. Sou capaz de passar seis meses em Portugal, quatro em França e dois a visitar outros países…"

Paula partilha a mesma ambição. Quer viajar. Nunca pensou chegar onde chegou hoje: "Hoje sou feliz. Foi ele quem mudou a minha vida". Só pede que nesta história real, "as coisas fiquem como estão".

José de Oliveira

"Eu peguei no diploma, virei-o ao contrário,
meti o passado dentro das gavetas, a história dentro dos livros,
agarrei nas malas e vim para França com a minha mulher
e o meu filho de três anos"

Lucinda e José Oliveira numa das suas viagens

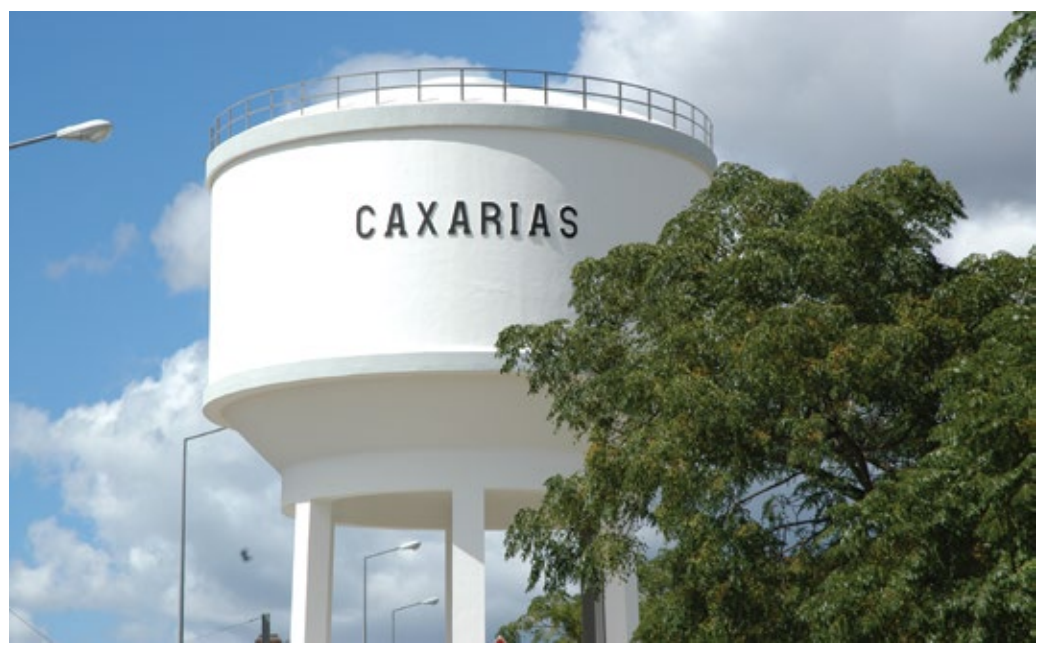
Fizemos uma viagem de 63 anos. José Oliveira pegou na linha de uma vida e passou mais de duas horas a descoser memórias. Viajamos até uma pacata aldeia do concelho de Ourém nos anos 60, mas também passamos pela capital lisboeta "vestida" de abril, transpirando a revolução uma década depois. Seguimos para África. O continente onde a palavra "saudade" ganhou mais significado e as "missões" perderam sentido. Regressamos a Portugal e vimos que a "virtude já não estava lá". A cidade da luz estava à espera do Zé Oliveira de Caxarias e 34 anos depois ainda o ilumina. Hoje fala na música "Je ne regrette rien" de Edith Piaf para falar das suas decisões e foi de facto no país da cantora que José também compôs os restantes versos da sua vida. É administrador de uma empresa que tem quase a sua idade em Saint-Maur, pai de dois filhos e avô. Mas o melhor é mesmo voltar a pegar neste novelo de histórias porque não se passam por 63 anos e dois continentes em 10 linhas de texto e ainda há mais para contar.

A idade dos porquês

No dia 14 de fevereiro de 1952 nasceu José de Oliveira. Foi o primeiro sobrinho, o primeiro neto e o primeiro rapaz da família. Como manda a tradição herdou o nome do avô, como ditavam as vontades foi mais um sócio do Benfica com as quotas pagas à nascença. Filho de um ferroviário e de uma trabalhadora do campo, cresceu em Caxarias até aos 10 anos e ainda se considera "um privilegiado" por ter estudado: "Os meus pais fizeram um sacrifício para que eu conseguisse ter estudos e ao fazerem isso, eu tive oportunidade de conhecer outras gentes, outros mundos". Quando acabou a escola primária, partiu logo para o Pombal. Na aldeia onde nasceu, a maior parte da vizinhança era ainda analfabeta e José Oliveira foi dos poucos jovens a sair da localidade para ir estudar. Durante a idade dos porquês, era uma criança curiosa e interessada. Fez muitas perguntas sem receber respostas e ouviu muitas respostas sem ter feito perguntas, mas foi matando a sede da curiosidade bebendo conhecimento.

No colégio localizado no distrito de Leiria fez bons amigos, "abriu os horizontes" e

CAXARIAS
CAXARIAS


CAXARIAS

Os pais

ao lado: Igreja Matriz de Caxarias

conheceu aquela que é hoje a esposa e mãe dos seus dois filhos. Tinham apenas 13 anos. Naquele tempo rapazes e raparigas não se cruzavam e tinham os recreios separados por uns arbustos, mas isso nunca foi impedimento para as ditas brincadeiras: "Nós quando andávamos a jogar, arranjávamos sempre uma maneira de passar a bola de um lado para o outro porque assim alguém podia passar pela sarjeta junto aos edifícios, onde não haviam arbustos para recuperá-la. Assim já víamos as meninas claro". Do outro lado do "muro da vergonha" estava Lucinda. "Uma bela atleta desportiva" de voleibol, muito "sossegada, concentrada" que o levou a quebrar a regra mais vezes: "Isso valeu-me uma suspensão de três dias de aulas e uma tareia do meu pai porque na altura não havia outra solução". Mas hoje vê que a atitude insubordinada e apaixonada acabou por valer muito mais: Um casamento feliz que já dura há 40 anos.

De estudante grevista a Militar de abril

Mas vamos voltar ao tempo de estudante. José deixou este amor em Pombal e teve uma curta passagem pela cidade universitária portuguesa. Em Coimbra conheceu alguns nomes do nosso futebol como o Tony do Benfica ou Artur Jorge e sentiu os ventos que sopravam em maio de 68. Vinham de França e prometiam uma revolução para breve: "Nós tínhamos que ter duas caras como um feijão-frade, de um lado é branco e do outro é preto. Na Universida-

de nós dávamos a entender que éramos meninos muito certinhos e disciplinados, mas às escondidas, debaixo da manta ou do capote como nós dizíamos, líamos os livros, ouvíamos a Rádio Argel onde o Manuel Alegre falava regularmente e conversávamos sobre a greve". Recorda-se dos estudantes grevistas cortarem os cabelos das meninas que queriam boicotar a greve. Lembra-se de colocarem uma telha por cima da cabeça para poderem acender um cigarro em via pública. Ainda sabe como mandavam as regras e como elas eram infringidas.

José também procurou contribuir com "irreverência, ousadia e uma certa dose de irresponsabilidade", acrescentando uma "pedra à construção" da mudança: "Eu não podia ficar quieto ou então deixava de ser aquilo que era ou aquilo que eu sou. Para mim não era possível ver as coisas, saber que elas existiam e não fazer nada ou não contribuir para que elas mudassem. Eu costumo dizer muitas vezes que quem cala consente e quem não diz nada é conivente. Procurei sempre nunca ser conivente". Não passava de um adolescente, mas já se perguntava porque é que vivia naquele

Cerimónia dos 25 anos de casamento

regime e quando foi para Lisboa ainda "aguçou mais a curiosidade". Tinha 17 anos quando aterrou na capital. Era "ainda um miúdo", mas foi para trabalhar num Gabinete de Estruturas Metálicas. Trabalhava de dia e estudava engenharia civil de noite. Mas o dever chamou-o.

"O meu Oficial Comandante chamava-se Salgueiro Maia"

José Oliveira precisou de interromper os estudos para ir cumprir o serviço militar: "Em 1973 eu era militar na Escola Prática de Cavalaria e o meu Oficial Comandante chamava-se Salgueiro Maia". Hoje ainda não consegue conter a emoção quando fala dessa altura: "Um dia à noite numa operação de treino que nós fizemos no exterior, numa localidade não muito longe de Santarém, o Capitão Salgueiro Maia disse-nos à volta do fogo "Um dia vocês todos vão se deitar com um regime e acordar com outro". José conta que naquela altura a expressão deixou os soldados muito intrigados. Ainda não se sabia de nada, mas alguns tiveram coragem de ir perguntar ao próprio Capitão o que ele queria dizer: "Falamos depois" disse

ele e de facto nem foi preciso esperar um ano. O embrião da Revolução já estava formado. Eles iam ser os militares de abril no dia em que as armas dispararam cravos.

"Eu era operacional no 24 de abril e nunca me vou esquecer desse dia". Atualmente participa nas comemorações que assinalam a data em Portugal, mas todos os anos tem que lidar com uma nova ausência, com a mesma saudade e incompreensão: "Começamos a questionar-nos "porque é que eu fiquei" e isso é uma situação que somente as pessoas que a viveram, que estiveram presentes em períodos conflituosos, que perderam amigos como eu perdi são capazes de entender". Antes de terminar a tropa, José Oliveira ainda partiu numa última missão para África. Foi para Angola no dia 4 de novembro de 1974 e regressou a 11 de março de 1975. À sua espera estava a mesma rapariga que encontrara do outro lado do recreio da escola. Estava longe do "muro da vergonha", sem receios e trazia uma etapa para ser vivida a dois.

O primeiro destino de férias ou um presságio da rota da emigração

José tinha "barba, boné e uma cara com uma expressão semelhante à do Che Guevara". Um estilo que fazia jus aquela geração e "nem sempre foi bem visto lá na aldeia", mas chegou para conquistar Lucinda. Casaram em agosto de 1975 e foram viver para a mesma terra que os viu nascer. "As nossas famílias e origens eram muito modestas, mas eu considero um privilégio ter chegado a uma família tão rica e tão pobre como a minha. A família da minha esposa tem a mesma grandeza de coração que a minha".

O casal não teve possibilidade de fazer uma lua de mel, nem pensou nisso, mas em setembro foram passar três semanas de férias para França, a convite do irmão mais velho e padrinho de casamento de Lucinda: "Em 1975, o Zé Oliveira nascido em Caxarias, sabendo de onde vem porque isso nunca se deve esquecer, teve a sorte de vir a França. Mal sabia nessa altura que eu ia fazer a minha vida aqui". De facto, a viagem até França pode ser interpretada de duas formas: Para os românticos, será o primeiro destino de férias do casal, para os pessimistas pode ser um presságio da rota da emigração que se avizinhava.

"Tinha a casa aquecida, os lençóis eram brancos e lavados e a comida era boa e abundante"

José Oliveira esteve sempre convencido que conseguiria marcar a diferença sem ter que sair de Portugal, mas encontrou "montanhas de obstáculos". Teve de abdicar da convicção e ambição porque "a virtude já não estava mais ali". Saiu do país com o apoio do cunhado que o esperava novamente em França: "A dada altura, eu peguei no diploma, virei-o ao contrário, meti o passado dentro das gavetas, a história dentro dos livros e agarrei nas malas e vim para França com a minha mulher e o meu filho de três anos". Ironia do destino ou não, sete anos depois de ter lutado pela liberdade e democracia do país como militar na Revolução dos Cravos, José Oliveira saiu de Portugal. Era mais um emigrante no dia 25 de abril de 1981.

"Eu cheguei e fui um privilegiado. Tinha a casa aquecida, os lençóis eram brancos e lavados e a comida era boa e abundante". Era um privilegiado em relação a muitos outros portugueses. Aqueles que conheceram os bidonvilles e ainda hoje não esquecem essas dificuldades: "Nós nunca podemos partir o prato que nos deu de comer e às vezes há muita gente que se esquece do prato que lhe deu de comer. Não temos que render vassalagem a ninguém, não se trata disso. Trata-se de simplesmente reconhecer a veracidade, a realidade dos outros e dizer obrigado".

"Um português que não falava francês a vender produtos portugueses aos franceses"

"Merci Beaucoup" era precisamente a única coisa que sabia dizer em francês quando emigrou. Um vocabulário reduzido, mas suficiente para abrir uma loja numa das principais artérias de Saint-Maur. A casa "Cave do Porto" foi inaugurada no dia 4 de julho e só vendia especialidades portuguesas. Hoje recorda esses tempos com alguma ironia e um sorriso fácil na cara: "Imagine um português que não fala francês a vender produtos portugueses aos franceses". José trabalhava sozinho e foi aprendendo francês com os clientes. Transformou o improvável em possível e ainda se lembra das caras que atendia diariamente na loja: "Eles são muito tolerantes e isso foi uma grande ajuda. Eles até me corrigiam os tempos dos verbos!", recorda. Foi a primeira loja portuguesa na cidade de Saint-Maur e nos arredores. Teve as portas abertas entre 1981 e 1986. No ano em que Portugal aderiu à Comunidade Económica e Europeia (CEE) fechou a Cave. José Oliveira pensava que a entrada para o mercado comum iria deixar a oferta de produtos portugueses

banalizada. Voltou aos "primeiros amores" e dedicou-se à construção civil.

"Eu conheci um senhor que teve a ousadia de pegar num indivíduo que nunca trabalhou em França na área da construção civil, que não conhecia o mínimo dos mínimos das normas de construção, nem os nomes dos materiais e solicitou-o para que ele viesse gerir". José foi trabalhar para uma agência de materiais. Primeiro à experiência, mais tarde como administrador. Esteve lá até 1993, ano em que mudou pela última vez de trabalho. Fechou mais um ciclo: "Naquela altura a direção desta empresa vendia partes de ações e como eu era cliente, tentaram saber se eu queria comprar uma das posições das pessoas que vendiam. Eu mudei em outubro de 1993. Em 2014 esta empresa festejou 60 anos". Atualmente é o Presidente do Conselho de Administração. A sociedade fabrica azulejos, tijoleiras, balaústres de vedações, vasos decorativos e pré forçados, mas não vende ao consumidor final, nem

aos aplicadores. Trabalha com outras empresas de pré forçados e com armazéns de venda de materiais de construção e já existe desde março de 1954.

"Ao lado de um pequeno homem, tem que haver sempre uma grande mulher"

Lucinda pode não ter sido referida nestes parágrafos, mas fez parte da história como personagem principal: "A minha esposa é a minha confidente. Aquela que trava um pouco a minha ousadia, aquela irreverência de querer ir longe. É quem me dá força". Não trabalham juntos, mas encontram-se sempre no final do dia. Quando chegou a França, Lucinda foi para a empresa do irmão. Estudou contabilidade e atualmente é responsável pela gestão financeira. Quando termina o trabalho, ainda apoia o marido e ajuda-o a fazer os balancetes das contas: "Faz em três minutos aquilo que eu preciso de três horas para fazer, mas nem sempre chego à mesma conclusão porque não tenho a competência dela ".

José Oliveira gosta de trabalhar com a esposa, mas reconhece que a sua "total independência" não tem valor: "Ao lado de um pequeno homem, tem que haver sempre uma grande mulher. Quando eu digo pequenos quero dizer que o tamanho dos homens não se mede aos palmos. Há pequenos que são grandes e grandes que são verdadeiramente pequenos. Eu não seria capaz de ver a minha esposa hipotecada ao marido 24 sobre 24 horas". Quando franqueiam o portão da fábrica, fazem uma destrinça. Para trás ficam as contas, os números, os clientes e os negócios. À sua frente têm os filhos, as noras e a neta. Uma família já constituída para lá da fronteira portuguesa e que para lá da fronteira provavelmente ficará.

De "Pai tirano" a "Avô babado"

José e Lucinda têm dois rapazes. Ainda estavam em Portugal quando nasceu o primeiro filho. Cinco anos mais tarde e já em França, chegou o segundo "Oliveira". Já têm 37 e 32 anos e são dois homens com "H" maiúsculo, feitos à imagem dos pais: "Eu digo sempre que os filhos são aquilo que os pais querem que eles sejam. Desde que eles os acompanhem sempre a partir da mais tenra idade, até eles serem capazes de trilhar os caminhos sozinhos". José Oliveira chegou a ser "cognominado como o pai tirano". Agora reconhece que pode ter pecado num por excesso, noutro por defeito, mas se o fez foi "para o bem deles" e porque nunca encontrou "um livro que o ensinasse a ser pai".

Hoje já têm uma neta de cinco anos. O "pai tirano" passou a "avô babado" em poucos segundos. Diz que ser avô é "dar o amor aos netos" que não teve tempo "de dar aos filhos", sem a preocupação de os educar: "O problema até pode ser este: corrigimos com os netos, os erros que cometemos com os filhos e ao fazer isso prejudicamos o que os filhos fazem", até porque e como já diz o ditado: "Os pais ensinam e os avós estragam".

“Regressar a Portugal? Todos os meses e meio para ver os meus pais”

Está há 34 anos em França, mas José Oliveira continua a ser o Zé de Caxarias. Aos 63 anos tem muitos projetos na gaveta por realizar. Ainda há coisas que o surpreendem e ainda se surpreende a si próprio. Quer viajar mais, sonha com voos mais altos, mas Portugal será apenas como um destino de escala: “Regressar a Portugal: Todos os meses e meio para ver os meus pais”. Depois de falar dos filhos e da neta, José compara o país “a um padrasto”, no sentido mais pejorativo que a palavra pode ter: “Eu adoro o nosso país, mas penso que ele foi muitas vezes para alguns dos seus filhos um padrasto ou uma madrasta. Tal como uma mãe e um pai têm a obrigação de dar de comer aos filhos, de os educar, um país tem a obrigação de criar condições para que os seus filhos se sintam bem para lá crescer. Eu penso que o nosso país por falta de vontade política, por falta de ambições esqueceu-se da maioria dos seus filhos. Um país nunca pode aconselhar um filho a sair de casa porque a riqueza dele está na juventude”.

Há três décadas atrás, José Oliveira era mais um desses filhos. Pegou no diploma, virou-o ao contrário. Meteu o passado dentro das gavetas, a história dentro dos livros, agarrou nas malas e veio. Não foi e nunca será um “filho pródigo” e por isso é que não esquece a França: “Nós nunca nos devemos esquecer o prato em que nos deram de comer e que permitiram quase sempre viver e existir em condições melhores das que tínhamos no nosso país”.

Não há mágoa nas palavras, não há revolta. O amor por aquele país que espreita a maré do Oceano permanece intacto, mas José Oliveira está num barco que já ruma há muitos anos noutra direção. A música de Edith Piaf serviu de mote e será também o ponto final para esta viagem. José Oliveira não se arrepende de nada. Hoje é um homem completo, livre, com a casa na França e a bagagem em Portugal.

Manuel Costa de Oliveira

Eu disse que se o jantar trouxesse lucro,
tínhamos de dar tudo para a luta contra o cancro.
Em 1990 entregamos 75.200 francos

No último dia do mês de agosto encontrámos o senhor Manuel Oliveira. Tinha regressado de Portugal há dois dias e ainda estava imbuído naquela nostalgia típica de quem deixou a terra para trás. Falava da família, dos convívios, do casamento da sobrinha, das romarias da aldeia e dos lugares por onde tinha passado. Falava como se estivesse prestes a começar um ano novo, e estava, segundo o calendário da emigração. Fechou um ciclo de trabalho em meados de julho, antes de partir para Ourém, e recomeçava agora em setembro, já longe do calor e das férias.

Aos 81 anos, ainda faz 1.660 quilómetros de carro, acompanha obras de construção civil e organiza, todos os meses de março, um dos maiores jantares de solidariedade da Comunidade Portuguesa Residente em França. O mérito já foi reconhecido, mais do que uma vez. Mas nunca é demais falar do homem que abriu a porta de casa a muitos clandestinos nos anos 70. Veio para França em 1956, com o objetivo de ficar apenas "uma meia dúzia" de anos. Já passou mais de meio século e graças à sua solidariedade, acabaram por ficar muitos mais. Em agosto, Manuel Costa de Oliveira vinha de Portugal. Desfez a bagagem de uma vida connosco e contou-nos histórias do tempo que já passou.

Memórias de um tropa infeliz

Nasceu no dia 6 de novembro de 1933 na aldeia Ruge-Água, perto de Albergaria dos Doze, no concelho de Ourém. Manuel já vem de uma família que conhecia as dificuldades da emigração. O pai emigrou para França duas vezes. Só não esteve mais tempo no estrangeiro por causa da guerra e do aparecimento de uma doença prolongada. Hoje, o filho ainda se emociona quando fala dele e até já escreveu alguns textos sobre o homem que o ensinou a ser uma pessoa melhor: "Ele gostava muito da família e queria ver os filhos felizes. O meu pai, tal como eu, veio para a França solteiro e esteve cá durante três anos. Depois foi a Portugal casar, fez uma casa e emigrou novamente. Eu ficava sempre à espera que ele voltasse, ansioso. Ele esteve cá durante cinco anos e voltou, antes da Segunda Guerra. Em 1946 adoeceu e nunca mais pôde trabalhar", recorda.

Ruge-Água

Escola primária de Ruge-Água

O pai e um tio de Manuel Oliveira

Manuel Oliveira cresceu no tempo do Salazar. Foi educado no seio da Mocidade Portuguesa, namorou por cartas e esteve na tropa quando ela ainda era obrigatória. Chamaram-no para cumprir o serviço militar em 1951, mas as memórias dessa época não são as mais felizes: "Quando eu saí da tropa, eu achava que era a melhor coisa que me estava a acontecer na vida. No dia em que eu deixei o quartel, fui mesmo feliz. Eu acho que nunca gostei da tropa por causa da liberdade que tinha antes de ir para lá. Nessa altura, eu também tinha vontade de vir para França, tinha vontade de emigrar, por isso queria mesmo sair". Quando despiu a farda e foi para casa, começou logo a tratar da documentação para viajar. Ainda pensou ir para o Canadá, mas acabou por emigrar para a Europa em 1956.

Manuel e a mãe

Os pais de Manuel

O patrão que o "ensinou a trabalhar"

Chegou a Paris no dia 9 de março. Vinha com um contrato na mão que lhe assegurava trabalho para os primeiros seis meses, mas teve sorte com o patrão e não precisou de se preocupar mais, pelo menos durante 14 anos: "Ele era um bom patrão e ainda hoje somos amigos. Quando eu cheguei à França, era apenas um servente de obras, depois passei a ser pedreiro e fui evoluindo. No dia em que saí daquela empresa, já ia trabalhar por conta própria", recorda. Verício Luvissar tem 92 anos. É francês, de origem italiana. No dia em que ficou sem Manuel para trabalhar, passou-lhe um certificado que reconhecia a sua competência e capacidade: "Eu só soube a consideração que ele tinha por mim no dia em que me despedi. Ele ajudou-me naquilo que podia. Deu-me sempre bons conselhos e ainda me ofereceu uma carrinha Peugeot. Andei três anos com ela. Eu não posso dizer mal desse meu patrão porque ele foi um grande homem. Não foi pai, mas foi um grande amigo".

Quando se lançou como trabalhador independente, Manuel Oliveira fez "muitas moradias". Atualmente confessa que está difícil o mercado e aposta mais na "remodelação de interiores e exteriores". Aos 81 anos, ainda continua a acompanhar, a par e passo, todos os trabalhos e construções. Parar é que está fora de questão: "Eu sinto-me melhor assim. Sou mais feliz a trabalhar do que parado". A secretária da empresa é o braço direito de Manuel e a companheira de todas as horas. Emília casou com o empresário em 1958. Também emigrou, pensando que ia ficar apenas durante cinco anos. Já lá vão 50 e ainda continua naquele dentro e fora de Portugal.

Sabedoria popular que nunca falha

Emília Ferreira Santos nasceu no Olival, no concelho de Vila Nova de Ourém. Foi à escola, mas só aprendeu a quarta classe. No dia em que terminou, foi para os campos dos pais trabalhar. Hoje conta que viveu uma juventude "muito reprimida" e por isso estava sempre "desejosa para casar": "O meu pai não me deixava sair com outras raparigas. Fui muito censurada enquanto era solteira e já só pensava em casar para ter mais liberdade". Manuel também recorda as dificuldades que tiveram durante o namoro, mas apesar da marcação cerrada, ainda conseguiram fazer "quilómetros" a dançar: "No meu tempo, o cerco estava sempre muito fechado, muito apertado e acho que hoje abriram os canais demais. Eu não quero dizer com isto que se deve perder a liberdade, mas acho que agora a juventude não pensa no dia de amanhã. Quando eu fiz 23 anos, comecei logo a pensar em partilhar o meu dia a dia e em viver com ela. A juventude é uma passagem curta. O ditado até dizia que nós até aos 25 anos escolhíamos, aos 30 aceitávamos", conta soltando uma gargalhada.

Emília e Manuel deram o nó a 16 de fevereiro. Depois do casamento, construíram uma casa em Ourém. Manuel Oliveira planeava regressar a Portugal e a esposa ainda esteve sozinha na terra durante algum tempo, mas mais tarde emigrou também. Em Paris, começou a trabalhar na costura. Aponteou a última linha que ainda estava solta na sua vida: "Quando vim, eu estava muito contente. Em Portugal trabalhei muito. Mais tarde, quando casei, também fiquei lá sozinha e eu queria ter a companhia dele.

Emilia Oliveira no dia do casamento

O casamento de Emília e Manuel

Emília com os pais e um sobrinho

Nunca me arrependi de ter vindo para França", afirma. Já lá vão 57 anos de casamento. Para falar da vida a dois, Manuel Oliveira volta a socorrer-se da sabedoria popular. Essa nunca falha: "Eu costumo dizer que o casamento é uma carta fechada e a vida nem sempre são rosas. Eu só tenho esta mulher, tenho que a guardar".

"Abrimos a porta de casa a vários clandestinos"

Quando Emília fez 27 anos, já estavam a viver juntos em Paris. Naquela altura, ia fazendo uns trabalhos de costura e, pouco tempo depois, o português começou a trabalhar por conta própria. Compraram uma casa e receberam muitos portugueses que ainda não tinham a mesma sorte: "Nós abrimos a porta de casa a vários clandestinos. Nós dávamos-lhe comida e sempre gostamos de ajudar". O casal nunca viveu "desafogado", mas reconhecia que existiam pessoas "com mais necessidades" e ajudavam-nos "a desenrascar". Em 1989, Manuel Oliveira deu os primeiros passos no associativismo. 26 anos depois, já percorreu um longo caminho.

"Eu encontrei uma pessoa que queria organizar um jantar que juntasse portugueses e franceses. Eu também já tinha essa ideia há muito tempo, mas não sabia por onde começar. Nós preparamos tudo durante um ano. Eu disse que se o jantar trouxesse lucro, tínhamos de dar tudo

Em 1995, Manuel Oliveira recebeu a Comenda de Honra e Mérito, atribuída pela Presidência da República. Já recebeu duas medalhas de ouro, uma em 2001 e outra em 2012, da Vila de Raincy. Em 2010 recebeu o prémio Talento, na categoria de empresário/ benemérito.

para a luta contra o cancro. Entregamos 75.200 francos". A noite teve lugar em Gagny. No final do evento, Manuel Oliveira chamou pelo Maire da vila e perguntou-lhe a quem deveria dar o valor: "Ele ficou sensibilizado e disse que conhecia um senhor que pertencia ao hospital daquela região. Chamou-o e eu fui lhe dar o cheque. O homem estava muito admirado e disse que era a primeira vez que recebia aquele valor", explica.

Um jantar por ano e mais de 300 mil euros de dádivas

O primeiro jantar correu muito bem e as pessoas ficaram satisfeitas. Manuel começou a ouvir dizer que era melhor

O casal Oliveira e elementos da associação

continuar. O português, apoiado por mais dois casais de emigrantes, criou a Association Franco-Portugaise de Bienfaisance. Todos os anos, algures entre março e abril, juntam 450 pessoas à volta de uma mesa, em Le Raincy, nos arredores de Paris. A maioria são portugueses, mas também há alguns franceses a aderir. Os lucros conseguidos com o evento continuam a ser entregues a quem mais precisa. A Cruz Vermelha de Coimbra e Leiria, a Santa Casa da Misericórdia de Pombal e os responsáveis pelas pesquisas contra o cancro e a SIDA foram apenas alguns dos que já beneficiaram com o trabalho desenvolvido por Manuel Oliveira. Recentemente ultrapassaram os 300 mil euros de dádivas. Foram até Viana do Castelo dar uma cadeira de rodas elétrica e mudaram a vida de uma menina paraplégica de nove anos. "É muito bom oferecer coisas destas, sobretudo quando vejo logo que são pessoas que precisam", afirma Emília Santos.

O esforço já foi reconhecido dentro e fora de Portugal, várias vezes. Em 1995, Manuel Oliveira recebeu a Comenda de Honra e Mérito, atribuída pela Presidência da República. Já recebeu duas medalhas de ouro, uma em 2001 e outra em 2012, da Vila de Raincy. Em 2010 recebeu o prémio Talento, na categoria de empresário/benemérito.

Manuel e Emília não falam na reforma. Já somam mais de 80 anos, mas ainda acompanham os trabalhos da empresa de construção civil, vestem a camisola da Associação todos os anos e são solidários sempre que possível. Trabalham, mas também viajam, aproveitam a vida e ainda continuam a ter tempo para um passo de dança". Este verão, "nós estivemos na primeira semana numa celebração de 50 anos de casados, fomos a muitos aniversários, a uma comunhão, um batizado e, para terminar, fomos a um casamento de uma sobrinha do meu marido". Parar não consta na agenda, até porque contam fazer os 1.660 quilómetros já no próximo ano.

Valdemar Francisco

Nós devemos muito à França e a França deve muito a nós

Com seis anos Valdemar calçou pela primeira vez uns sapatos, vestiu um blusão novo e foi para Leiria. Bem arranjado e com uma roupa nova, a criança não escondia o entusiasmo e a satisfação. Ia à cidade tirar fotografias e fazer um passaporte. A viagem para a famosa França aproximava-se e os irmãos já não pensavam em mais nada. Na aldeia, quando viam alguém que vinha de Paris, observavam logo a mota ou o carro que traziam por ser tamanha a novidade. As expetativas estavam altas, até porque "pior dificilmente podia ser". Chegaram à Gare d'Austerlitz em 1959 e assentaram praça em Villiers-sur-Marne.

Saudades de casa? Valdemar Francisco nunca teve. Na escola vestiu a bata da igualdade, no trabalho mostrou sempre força de vontade e não precisou "de ser arquitecto para mudar a imagem de uma vila". Durante a infância, viu o "bairro de lata" crescer em Champigny, mas hoje ergue muitas casas com bons pilares. É proprietário de um grande grupo da área do imobiliário e da construção civil. Emigrou para "arranjar trabalho e uma vida melhor". 56 anos depois, o empresário conta como a encontrou: "Trabalho, trabalho e mais trabalho".

"Pão e cama"

O pai de Valdemar veio primeiro para França com uma carta de chamada. Abriu caminho para a família, fez uma pequena casa em tijolos e, como já estava legal, começou a trabalhar como pintor. Em 1960 ainda haviam poucos portugueses na Europa. Na escola, os miúdos vestiam todos uma bata e a diferença só era visível quando eram chamados ao quadro: "Os meus pais diziam para eu fazer como via. Os nossos colegas só sabiam que nós éramos emigrantes quando nos ouviam falar. Tirando isso, éramos todos iguais. As batas foram um fator de integração muito importante", explica. Em Portugal, nunca tiveram uma casa, mas em Champigny encontraram quatro paredes, trabalho e alguma estabilidade. Não deram de caras com o bidonville, mas ele cresceu mais tarde, diante dos seus olhos: "Nós vimos o bairro de lata crescer. As barracas começaram a aumentar porque os portugueses juntavam-se aos restantes membros da família e iam pedindo auxílio. Eu lembro-me de ver os meus pais deixarem a cama deles para receberem outras pessoas em nossa casa. Nós somos assim. Damos sempre pelo menos pão e cama".

Valdemar Francisco nasceu no Lugar da Bouça, em Colmeias, próximo de Leiria, mas nunca sentiu falta da aldeia: "Há muitos emigrantes que até viviam bem em Portugal, deixaram a família e vieram para um sítio pior. Mas eu não sou desses casos. Eu não sei se existiam pobres mais pobres do que nós em Portugal. Quando chegamos a França vínhamos todos contentes, cheios de esperança". Aos 9 anos, já ia descarregar a mercadoria e dar uma ajuda no Marché de Villiers. Todos os domingos, recebia dinheiro e "dava-o todo à mãe". Valdemar também fez parte daquela geração de crianças que auxiliavam os emigrantes portugueses à porta do Consulado ou do Gabinete da Imigração, mas nem sempre a tarefa era lucrativa: "Uma vez fui com um senhor tratar

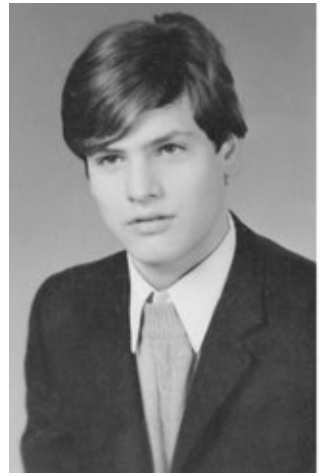
A casa onde Valdemar viveu em criança

dos papéis. Quando ele teve a carta de trabalho, fomos de metro embora. Estávamos em Chatêau de Vincennes e ele saiu sem eu dar conta. Eu tive de ir sozinho até Champigny sem bilhete, nem nada. Mas desenrasquei-me!". O desenrasco era a palavra de ordem. Vendeu bananas, discos, charcutaria, "tudo para ganhar alguma coisa". Estudar ia passando para segundo plano, sobretudo a partir dos 13 anos. Um dia, depois do trabalho, teve uma surpresa. Conseguiu avistar o General de Gaulle e John Kennedy, perto do Arc de Triomphe. Já passaram mais de 50 anos, mas não se esquece dessa tarde de junho de 1961.Viu o ídolo Kennedy e teve talvez o melhor regresso a casa de sempre.

Alice, os pais e o irmão

"Está ali a minha futura mulher"

Em 1966, Valdemar perdeu o pai. Nesse ano, acabou mesmo a escola, acordou daquele sonho que o transformava num arquiteto, arregaçou as mangas e foi para as obras: "A minha mãe trabalhava muito, mas não tinha emprego.



Valdemar na escola e em jovem

Alice e o irmão

No dia do casamento

O casal Francisco com os filhos mais velhos

Ela lavava a roupa e fazia comida para outras pessoas, mas não era um trabalho fixo. Quando o meu pai morreu, eu comecei logo a trabalhar na construção civil", recorda. Durante a juventude, passou por vários empresas. Acompanhado pelo tio e pelo padrinho, esteve numa Sociedade que fazia trabalhos para a Renault. Falava bem português, francês e era um rapaz "despachado", por isso foi trabalhar com o chefe do atelier, mas ganhava pouco: "Eu via o que ganhava e o que os meus colegas da cofragem e da pedreira recebiam. Aquilo não me convinha. Os outros tiravam mais de 1500 francos e eu só recebia 900. Só estive lá um ano".

Voltou para Paris. Durante algum tempo, trabalhou na empresa do padrasto, mas foi ao lado do primo que juntou mais dinheiro. Tinha apenas 17 anos quando pediu autorização à mãe para avançar com um pedido de emancipação perante as autoridades francesas. O pedido de Valdemar Francisco foi aceite pelo juiz em Boissy-

Saint-Léger (94) e o jovem conseguiu assim pedir um empréstimo. Comprou uma casa, praticamente em ruínas, que precisava de ser recuperada. Era ainda muito novo, mas não teve medo do risco, nem do trabalho. Pouco tempo depois, em abril de 1970, foi ao casamento de uma prima. No Château de Vincennes conheceu a mulher que ainda hoje está ao seu lado: "Nós íamos tirar as fotografias quando eu olhei para ela pela primeira vez. Eu olhei e pensei "está ali a minha mulher". Estive com ela mais uma vez ou duas e falei-lhe logo em casamento. Dessa vez ela deu-me com os pés claro…"

Alice em terras de sua majestade

Era ainda uma jovem com apenas 18 anos. Em Portugal, foram praticamente vizinhos e em Champigny-sur-Marne também partilharam o mesmo bidonville, mas só se conheceram mais tarde, no dia do casamento. Alice nasceu em Figueiras, perto de Leiria. Veio para França em novembro de 1960 com a família. Quando chegou, "gostou logo" do país: "Em Portugal, aos sete anos, eu já trabalhava como uma adulta praticamente. Aqui não. Eu senti logo que era um lugar mais desenvolvido e era isso que queria para mim". Apesar das dificuldades, guarda "uma boa memória do bidonville". Recorda a solidariedade existente entre os moradores e, ainda hoje, olha com carinho para aquele trajeto que fazia com um garrafão de água à cabeça. O pai trabalhava em Paris, fazia túneis para o metropolitano e a mãe fazia limpezas nos aviões em Orly. "Nunca faltou trabalho" e conseguiram comprar uma casa em Morsang-Sur-Orge (91), mas estava longe de ser o espaço dos seus sonhos: "Ela era toda

A jovem Alice

Valdemar e a sua madrinha de batismo

velhinha. Quando as minhas amigas da escola iam lá, elas diziam que a minha casa era feia. Eu ficava muito triste. No fundo, acho que até me deu força para tentar ter uma casa boa, só minha, um dia mais tarde".

Estudou até aos 17 anos e conseguiu tirar um diploma com uma nota de mérito. Naquela altura, atingia-se a maioridade apenas aos 21 anos e a jovem não queria casar muito cedo. Sonhava viver uma aventura para lá do Canal da Mancha: "Eu tinha planeado com uma colega minha viajar até à Inglaterra quando chegássemos a essa idade. Nós queríamos encontrar lá trabalho, viver uma aventura e conhecer uma cultura diferente, mas entretanto conheci o meu marido. Nós começamos a ir aos bailes, às festas em Portugal juntos e ele trocou-me as voltas. Uma vez até vi na televisão um acidente onde tinham morrido dois jovens. Era num lugar onde o Valdemar passava e envolvia a mesma viatura, um Ford Capri. Fiquei em choque e com o coração a bater muito forte. Agarrei na minha bicicleta e foi até casa dos primos dele. Apanhei logo uma surpresa porque foi ele que me abriu a porta", conta sorrindo. Alice já não foi para terras de sua majestade, a amiga ficou chateada e ela casou, mais rápido do que esperava.

Depois do "Sim"

Alice e Valdemar Francisco namoraram durante alguns meses. Casaram em 1972 e foram morar para Nogent-sur-Marne. Depois dos votos, definiram um objetivo comum: "Nós queríamos trabalhar com força, organizar tudo enquanto éramos jovens, depois entrar para a reforma aos

Valdemar e professoras

45, 50 anos. A partir daí, planeávamos aproveitar a vida", recordam. A meta estava traçada. Durante cinco anos "trabalharam imenso". Valdemar estava a "constituir a família" que sempre sonhou. No final do dia, aos sábados e aos domingos, dedicava-se à recuperação da casa que já tinha adquirido. Cinco anos depois, a obra ficou pronta. O casal conseguiu transformar o edifício num prédio, arranjaram seis apartamentos e arrendaram os espaços para "rentabilizar o investimento". Aos 25 anos, o emigrante já recebia cinco rendas mensais e trabalhava fora, na Normandia, acompanhado por um rapaz e pelo irmão para "ganhar mais algum dinheiro".

Estava a 300 quilómetros e só ia a casa ao fim de semana. Alice trabalhava em Paris, num escritório de advogados e tinha de deixar a filha mais velha entregue a uma ama. "Foram tempos complicados". Valdemar Francisco teve uma lesão na coluna na sequência de um acidente de carro. O diagnóstico dos médicos também não era animador, mas conseguiram dar a volta por cima e deram o primeiro passo para a construção do negócio familiar: "No hospital disseram que eu tinha a coluna muito gasta. Aconselharam-me a mudar de profissão para não acabar os meus dias numa cadeira de rodas. Eu fui fazer uma formação em economia e, quando terminei, comecei a pensar em fundar a minha própria empresa", explica.

A crise do petróleo e a maré de azar na construção

A empresa Tradi-Art foi criada em março de 1982. Alice Francisco confiou nas capacidades do marido e venderam

Pronto para ir ao baile em Normandy no primeiro ano de atelier

a casa para ter condições para avançar. Durante os primeiros anos, Valdemar Francisco esteve sozinho no negócio, mas cinco anos depois, a esposa juntou-se à direção: "Eu criei a Tradi-Art não apenas porque queria ganhar dinheiro, mas também porque queria fazer o que gostava e, acima de tudo, sentir-me realizado nesta profissão". Durante os primeiros anos, a família teve uma pequena equipa, composta por apenas 7 funcionários. Os anos 90 "foram muito difíceis", sobretudo durante a Guerra do Golfo e a crise do petróleo. Valdemar e Alice Francisco tinham um projeto assente na construção de um hotel e escritórios perto do Lac de Brétigny-sur-Orge. Mas a obra dos seus sonhos, acabou por se revelar o maior pesadelo: "Aquele trabalho era uma coisa esplêndida e fazia parte dos nossos sonhos. Para avançar, nós fizemos um empréstimo onde só se pagava juros. A certa altura, nós reparámos que se estava a prolongar por muito tempo. Tentámos alterar as condições do crédito, mas não conseguimos. Durante quase 9 anos, nós estávamos a perder, só em juros, cerca de 365 000 francos, ou seja, 55 000 euros por ano. A nossa empresa perdeu muito dinheiro e eu também fiquei doente pouco tempo depois. Estive acamado durante seis meses com hepatite por causa da vacina e a maior parte dos fornecedores cortou-nos o crédito. Felizmente nós tinhamos uma situação financeira bastante sólida. Foi uma má experiência, mas nós tiramos sempre uma lição", explica Valdemar.

"Sangue novo" na empresa

Em 1995, o casal ia vender a empresa, mas um dos filhos juntou-se à equipa e o "sangue novo" fez rejuvenescer

Um picnic na mata de Vincennes

Eu e as minhas irmãs

O meu pai com a mota que levou a Portugal antes de eu vir para França

minha mãe e minhas irmãs

O meu pai quando tirou carta de condução

Minha mãe com um meio irmão e minhas irmãs

minha irmã, o meu irmão e um amigo nosso já falecido à frente de um peugeot no bidonville

o negócio familiar. Patrice apareceu nos corredores da Tradi-Art "por iniciativa dele". O jovem também tinha uma formação na área da construção civil e quis trabalhar com os pais na pior altura. Arregaçou as mangas, foi para as obras e ajudou a construir um novo ciclo: "Quando ele veio, nós tinhamos perdido muito dinheiro e estávamos a passar uma má fase. Talvez tenha sido essa uma das razões que o levou a tentar ajudar-nos. O Patrice tinha um bom curso, trouxe dinâmica. Nós começamos a fazer vivendas lindíssimas e apostámos na promoção imobiliária. Fizemos muitos imóveis, prédios e fomos crescendo".

Durante muito tempo, trabalharam todos os dias para construir um imóvel com três apartamentos e quatro lojas: "Até temos uma foto da Alice a passar-me um balde de betão e outra com a minha filha a fazer cimento. Os nosso filhos também participaram e trabalharam todos nas obras, eles sabem pelo que nós passamos". Foi duro, mas chegaram onde queriam. Neste momento, a filha mais velha do casal, Manuela, é a única que não está a trabalhar na empresa. O rebento mais novo chama-se Fabian e também já acrescentou uma pedra à construção.

"A nossa força tem sido a nossa imagem de marca"

Passaram por muitas dificuldades, encontraram muitas barreiras pelo caminho, mas juntos construíram pilares sólidos e ergueram a Holding Francis & Co. Atualmente faturam 80 milhões de euros por ano nas áreas do imobiliário e construção civil, têm mais de 120 funcionários

Valdemar e os irmãos

Com um amigo no acampamento

O Casal Francisco com os filhos, na festa do 25º aniversário da Tradiart

e somam mais de 30 anos de experiência no ramo: "Hoje o grupo tem 3 empresas de construção, uma de aluguer de imóveis, uma de imobiliário, duas de cozinhas e depois participamos em sociedades. A nossa força tem sido a nossa imagem de marca", afirma Valdemar Francisco. Sempre fizeram obras de prestígio e já há um selo de qualidade associado à Tradi-Art: "Nós já fizemos casas para três gerações: para os pais, para os filhos e para os netos da mesma família. Mesmo nos anúncios, lê-se muitas vezes que o apartamento foi feito pela empresa Tradi-Art, como se isso representasse uma vantagem. Nós tentamos fazer casas de alta qualidade. Mais bonitas e mais seguras".

Durante a infância, Valdemar nunca viveu numa casa que pertencesse à família. Eram todas arrendadas e isso entristeci-o. Mais tarde, sonhou ser arquiteto, mas nunca conseguiu concluir os estudos. Felizmente, hoje pode dizer que mais do que casas, criou lares e já mudou mais do que esperava: "Eu não consegui fazer um curso como sonhava. Há uns dias atrás, na inauguração de um condomínio, um Presidente da Câmara disse durante o discurso que eu nunca fui arquiteto, mas mudei a imagem da vila. Para mim, foi um grande reconhecimento".

Aos 62 anos, Valdemar Francisco já está a passar o testemunho. Entregou aos filhos uma parte da gestão do grupo e começou a trabalhar a "tempo parcial". É administrador da Câmara de Comércio Franco-Portuguesa (CCIFP), faz parte da Comissão de Desenvolvimento da Aglomeração du Val d'Orge e recentemente dedicou-se ao associativismo, participando na criação de uma associação de amigos de infância de Champigny, que já conta com mais de 150 participantes: "Nós não esquecemos de onde viemos, sabemos muito bem por aquilo que passamos e hoje sabemos dar valor", afirma Alice, também envolvida no projeto. Neste momento, estão empenhados na realização de um documentário televisivo sobre a emigração portuguesa para França nos anos 60. Em 2017, vão inaugurar um monumento em Champigny, no mesmo lugar onde foram os bairros de lata. De acordo com Valdemar, a sua construção servirá também para agradecer ao país que os acolheu: "Nós devemos muito à França e a França deve muito a nós".

António Fernandes

Eu acho que nós devíamos ser mais solidários,
mas não somos capazes de acabar com este individualismo que existe

Foi o emigrante dos sete ofícios. Hoje por detrás de cada trabalho, traz uma história diferente. António Fernandes abriu as gavetas, tirou os álbuns das fotografias e pegou nessa caixa de memórias. Algumas eram imagens vagas, estavam desfocadas, gastas pela força do tempo. Outras eram claras, evidentes e uma parte do passado ainda bem presente. Aos 60 anos é "um homem realizado", até porque deixou pouco ou nada por fazer. Trabalhou nas lavouras, esteve numa serralharia e até foi guarda noturno. Fez muitos "biscates" e horas extra, até se tornar num empresário de sucesso. 42 anos depois, espera pelo merecido descanso. Quer mais tempo para brincar com a neta Beatriz, mais horas para se dedicar à solidariedade e continuar ao lado da rapariga "loirinha" que conheceu em Argozelo. Juntos, e ainda com os rolos das recordações nas mãos, desfolharam uma história que começaram a construir durante a adolescência. Recordaram os muros de obstáculos que encontraram pelo caminho, mas também as pontes que ergueram além fronteiras.

Do "namorico" ao casamento

António Fernandes nasceu no dia 18 de agosto de 1955 em Argozelo, no concelho de Vimioso. Na escola andou pouco tempo, mas ainda estudou entre os seis e os dez anos de idade. Naquele tempo, nas aldeias de Bragança, os transportes eram poucos ou nenhuns e o jovem acabou por desistir de estudar longe de casa: "Durante a primária passei sempre, nunca falhei um ano, mas saí da escola porque não era obrigatório como é hoje. Eu acho que o

Santuário de São Bartolomeu

Ensino Secundário mais próximo ficava em Vimioso e não havia grandes transportes, nem meios de ir para lá", recorda. Trabalhar era a única solução. Aos 13 anos "já ajudava nas lavouras", mas a agricultura não foi o trabalho mais produtivo: "Eu também fui serralheiro e trabalhei nas minas de Argozelo. Durante cinco anos, eu estive nas minas de minério e volfrâmio. Trabalhava muito e não posso dizer que ganhava mal". Fora do trabalho, António conheceu uma vizinha

simpática, mas demasiado jovem para cortejar. Preferiram "namoriscar", recorreram ao pombo correio e trocaram umas cartas.

Lúcia Vara tinha os cabelos da cor do ouro. Era apenas uma menina de 13 anos, mas já andava a trabalhar. Vinha de "uma família muito humilde" e como o pai morreu

muito cedo, "era preciso desenrascar". Ia à escola de manhã ou de tarde e, quando voltava, trabalhava na casa de uma senhora em troca de comida e roupa lavada: "A senhora onde trabalhava vestia-me, dava-me comida. Eu aturava os bebés, ia buscar água porque naquela altura não havia água nas casas, tinha que ir à fonte e lavar a roupa à mão porque também ainda não existiam máquinas". Lúcia começou a escrever para António "muito novinha", mas lembra-se da preocupação dos patrões: "A senhora que tomou conta de mim era como uma segunda mãe de coração. Na família deles, mesmo pelo marido, eu não era tratada como uma empregada. Tive um amor imenso da parte deles. Eles tinham sempre medo que a "loirinha", como eles me tratavam, fizesse alguma asneira, mas isso nunca aconteceu". No dia 15 de setembro

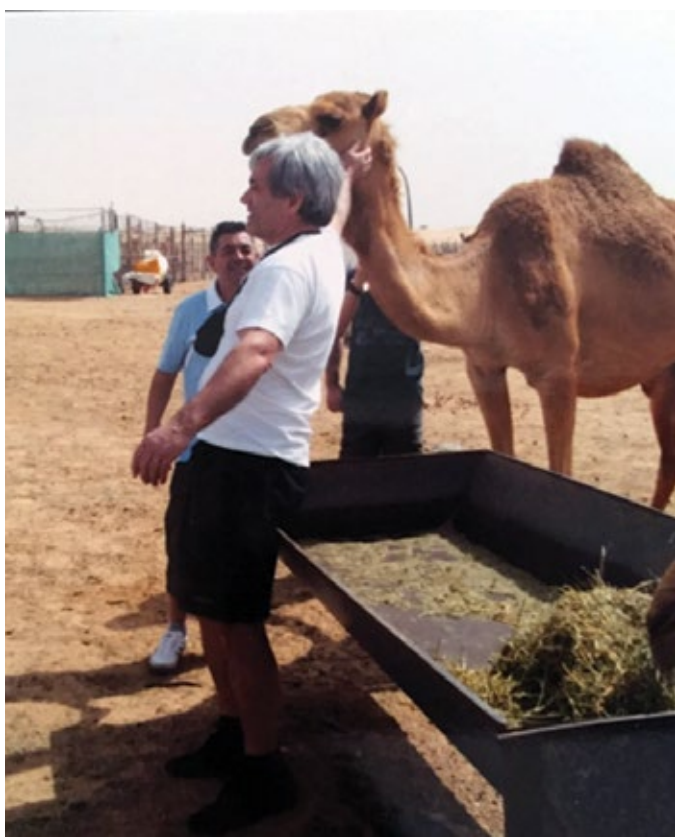
de 1973, Lúcia e António Fernandes deixaram de trocar cartas. Passaram do "namorico" ao casamento. Foram até ao São Bartolomeu e apertaram os laços que ainda hoje os une: "Nós casamos quando eu tinha 18 e ela tinha 16 anos. Mesmo assim precisamos de uma autorização porque no meu bilhete de identidade só tinha 17. A minha mãe registou-me três meses mais tarde por causa da tal falta de meios", explica António. Pouco tempo depois já estavam em França, mas desengane-se quem pensa que era para uma lua de mel. Vieram com as mangas arregaçadas, prontos para trabalhar.

O tempo dos sete ofícios

"Depois do casamento, a minha mulher começou a dizer

que podíamos vir para França porque ela tinha cá família. Uma das irmãs dela, a Celeste, mostrou-se sempre disponível para ajudar e nós viemos com o apoio dela". Inicialmente, os dois foram viver para o departamento número 42, em Roanne. Durante cinco anos, António foi ajudante de pedreiro e Lúcia era operária fabril, mas um incêndio na empresa da esposa, acabou por provocar mais uma mudança, desta vez para a capital: "Nós também tínhamos familiares em Paris e eles começaram a incentivar-nos para viver lá. Nós assim o fizemos", recordam.

António Fernandes já tinha passado por quatro profissões diferentes, mas quando chegou a Paris passou a ser o verdadeiro homem dos sete ofícios. Primeiro esteve nos supermercados e, até aí, teve possibilidade de experimentar praticamente todos os setores: "Eu trabalhei nos vinhos, na secção alimentar e também fiz parte da publicidade e marketing, colocando as promoções em ordem. Uma vez estava lá a trabalhar e o subdiretor chamou por mim. Ele disse-me para dar uma volta ao armazém e escolher o cargo que mais gostava de ter no mercado. Eu



escolhi ir para a peixaria e acabei a trabalhar na área do peixe", recorda. António trabalhou para aquela cadeia de supermercados durante três anos, mas em 1986 voltou a mudar. Foi fazer uma formação de cablagem eletrónica, conciliando o curso com o trabalho de guarda noturno e com "as horas extra que fazia ao fim de semana na limpeza de escritórios". Mas "os biscatos" corriam bem, e em 1992 António Fernandes escreve um novo e, talvez o último, parágrafo profissional. O português inaugurou a Argonet, uma empresa especializada em limpeza industrial, pequenos trabalhos de renovação e ainda na manutenção de espaços verdes. "Agora a empresa está a ser gerida pelo meu filho, mas eu ainda não me desliguei do negócio e vou ajudando-o". Alfredo é o único filho do casal e, por consequência, aquele que é apontado como o principal sucessor da empresa. Apesar de ter feito uma formação em direito, optou por defender o negócio familiar e é essa a única causa que tem em mente.

"A solidariedade não é dar dinheiro todos os dias"

Quem conhece a Comunidade Portuguesa Residente em França, também sabe que António Fernandes é um membro ativo da Academia do Bacalhau de Paris. Foi inclusive Presidente da organização.

Durante alguns anos, a Academia não teve o dinamismo que António desejava, mas o empresário nunca desistiu e hoje já se revê mais no trabalho desenvolvido pela instituição: "No início éramos poucos, solidariedade também havia pouca ou nenhuma e eu era o único que ia tentando dinamizar. Eu disse sempre que aquilo devia mudar. Nunca deixei de ir aos jantares e realmente mudou". Atualmente, a Academia reúne centenas de empresários e emigrantes portugueses residentes em França nos jantares organizados mensalmente. Todos os anos entrega milhares de euros em doações a portugueses ou a instituições de Portugal. António Fernandes sente-se feliz ao ver essa solidariedade, mas está convicto que ainda há um longo caminho a percorrer: "Eu acho que nós devíamos ser mais solidários ainda, mas não somos capazes de acabar com este individualismo que existe. A solidariedade não é dar dinheiro todos os dias. É preciso reunir as pessoas, aumentar o número de compadres para haver novas ideias. Isso seria uma mais valia para todos. Se não existirem estas pessoas nas associações, as coisas acabam".

Neste momento, António Fernandes já não faz parte do Conselho de Administração. Continua a ser um compadre assíduo e está presente em todos os jantares. Na Academia encontra um pedacinho de Portugal nas gentes e nos pratos: "Eu encontro o bem, encontro a humanidade, amizade e Portugalidade. Isso para mim é o mais importante".

A surpresa dos 60

Talvez por ser um homem de bem e que pratica o bem, no dia em que fez 60 anos, António Fernandes foi surpreendido por todos os amigos de longa data. Estava em Portugal de férias e ia passar o aniversário em Bragança, acompanhado apenas por alguns familiares. Quando deu por si, já estavam mais de 100 caras conhecidas à sua volta. A festa foi muito mais do que uma simples "garrafa de champagne", acompanhada por uma fatia de bolo: "Eu já ia fazer uma festa no meu dia de aniversário, nem que fosse com umas garrafinhas de champanhe porque não sabia mesmo desta surpresa. Estiveram lá 100 pessoas ou mais, mas ninguém se descaiu. O meu tio também estava ao corrente e não me disse nada. Quando cheguei lá e vi aquela gente toda, eu fiquei mesmo comovido. A surpresa ainda teve mais significado pelo sítio onde aconteceu. Nós estávamos no mesmo lugar onde casámos. Aquilo foi no São Bartolomeu precisamente".

Depois da surpresa dos 60, António Fernandes diz que "é um homem realizado". Já passou o testemunho, agora espera que o filho continue na corrida. Agora, o casal pensa na reforma e na melhor forma de a gozar. Querem viajar, passar o tempo divididos entre Cascais, Bragança ou Paris, abraçar a neta e aproveitar a vida.

2015 - 1ª Edição

LSMC - Media et Communication SARL
20 ter, rue Schnapper - 78100 Saint Germain-en-Laye

Redação
1, rue Vasco de Gama - 94460 Valenton

Propriedade
José Gomes de Sá - cont nº 128 275863

Diretor
Lídia Sales | lidiasales@gmail.com

Textos
Joana Inês Moreira

Fotografias
Wilkerson Alves
João Cazenave

Maquetagem
João Cazenave | joao@cazenave.pt

Impressão
Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SA

Tiragem
10 000

lusopress@gmail.com

www.lusopress.tv